

Jessica Maria Monteiro Carvalho

Relações entre pais e pares e o uso de tecnologias pelas crianças e adolescentes



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2020

Jessica Maria Monteiro Carvalho

Relações entre pais e pares e o uso de tecnologias pelas crianças e adolescentes



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2020

Jessica Maria Monteiro Carvalho

Relações entre pais e pares e o uso de tecnologias pelas crianças e adolescentes

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação da Prof.^a Doutora Ana Costa.

Resumo

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) trouxeram inúmeras mudanças na vida quotidiana dos sujeitos, sendo que o uso das mesmas pode ser realizado diariamente e em qualquer contexto. Os jovens são especialmente atraídos pelas novas tecnologias e há uma maior necessidade de atender ao tempo despendido nas mesmas para evitar várias consequências negativas como o déficit relacional com as figuras importantes nas suas vidas. Os pais e os pares são as principais figuras de vinculação e de aprendizagem para as crianças e adolescentes, sendo os principais modelos e figuras representativas na vida dos mesmos, participando no desenvolvimento e adequação de diversas competências desenvolvimentais. Desta importância relacional e atendendo aos dados que nos indicam o crescente e elevado uso das tecnologias pelos mais novos, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de conhecer o uso que as crianças e os adolescentes fazem das TIC e verificar se existe relação entre o número de horas despendido nas mesmas em tempo de aulas, fins-de-semana e férias, e a relação com a mãe e pai e os pares. Na investigação participaram 140 sujeitos com idades entre os 10 e os 15 anos, pertencentes a uma escola do grande Porto. A recolha de dados foi efetuada pelo preenchimento de três questionários: Questionário Sociodemográfico (QSD); Inventário de Uso de Tecnologias (IUT); e Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA) versão adaptada do original de Armsden e Greenberg (1987). Os resultados sugerem que quantas mais horas as crianças e adolescentes passam nas TIC menor a confiança com a mãe, menor a comunicação com a mãe e o pai e maior alienação com a mãe e o pai, todos estes em período de férias. Relativamente aos pares, quantas mais horas de utilização das mesmas, maior a alienação em períodos de aulas e férias. Paralelamente, os resultados indicam que quanto às subescalas do IUT e as dimensões do IPPA: maior a *Vida online*, menor a Confiança e menor a Comunicação mãe, pai e pares e maior a Alienação mãe, pai e pares; maior a Supervisão parental e relações interpessoais, maior a Confiança mãe, maior a Comunicação mãe e pai e menor a Alienação mãe; mais Tempo e utilização, menor a Confiança e menor a Comunicação mãe, pai e pares e maior Alienação mãe e pai; por último, mais Exposição à *internet*, maior a Alienação mãe.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação, Crianças e Adolescentes, Vinculação, Pais e Pares.

Abstract

The development of Information and Communication Technologies (ICT) brought numerous changes in the daily lives of individuals, and their use can be performed daily and in any context. Young people are especially attracted to new technologies and there is a greater need to attend the time spent on them to avoid various negative consequences such as the relational deficit with the important figures in their lives. Parents and peers are the main attachment and learning figures for children and adolescents, being the main models and representative figures in their lives, participating in the development and adaptation of various developmental skills. Given this relational importance and given the data that indicate the growing and high use of technologies by the younger, this work was developed with the objective of knowing the use that children and adolescents make of ICT and to verify if there is a relationship between the number of hours spent on school time, weekends and vacations, and the relationship with mother and father and peers. One hundred and forty individuals participated in this investigation aged 10 to 15 years, belonging to a school in Greater Porto. Data collection was performed by completing three questionnaires: Sociodemographic Questionnaire (SQ); Technology Use Inventory (TUI); and Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) adapted version of the original by Armsden and Greenberg (1987). The results suggest that the more hours children and adolescents spend in ICT, the lower their confidence with their mother, the less their communication with their mother and father, and the greater their alienation with their mother and father, all during vacation time. For peers, the more hours they use, the greater the divestiture during school and vacation periods. At the same time, the results indicate that regarding the TUI subscales and the IPPA dimensions: greater Online life, lower Trust and lower Communication mother, father and peers and higher Alienation mother, father and peers; greater Parental supervision and interpersonal relationships, greater Trust mother, greater Communication mother and father and lower Alienation mother; more Time and utilization, less Confidence and less Communication mother, father and peers and greater Alienation mother and father; Lastly, the more Exposure to the internet, the higher the Alienation mother.

Keywords: Information and Communication Technologies, Children and Adolescents, Attachment, Parents and Peers.

Agradecimentos

Após cinco intensos anos de formação chegou ao fim este longo percurso...

Foram cinco anos recheados de aprendizagem, alegrias, alguma ansiedade e algum medo, novas amizades e descobertas.

Quero desta forma exprimir o meu sincero agradecimento a todos quantos, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho fosse possível de realizar, em especial:

- à Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa, enquanto minha orientadora pelos sábios e tão úteis conhecimentos transmitidos e ao apoio incondicional e fundamental ao longo de toda a realização do presente trabalho. Sem a sua atenção, ajuda, ambição seria quase impossível a concretização desta dissertação.

- à Instituição Fernando Pessoa, a todos os professores e funcionários e a todos os meus colegas.

- ao Agrupamento de Escolas de Águas Santas, em especial ao diretor da escola, à Dra. Iria Cássio, à Dra. Ana Monteiro e Dra. Márcia Vasques e a todos os professores e funcionários que me receberam de braços abertos, que me ensinaram muito e contribuíram para a realização deste trabalho.

- à minha família, especialmente aos meus pais por me terem sempre proporcionado o melhor que podiam e me terem ajudado a chegar até aqui.

- ao meu querido namorado João, por todo o amor, carinho e cuidado demonstrados, bem como toda a sua preciosa ajuda em tudo aquilo que solicitei.

- a todos os meus amigos que caminharam comigo.

Índice

Introdução Geral.....	1
Capítulo I – As Tecnologias de Informação e Comunicação.....	3
Introdução.....	3
1. As Tecnologias de Informação e Comunicação.....	3
2. Supervisão parental e estratégias de controlo.....	7
3. O uso da internet em Portugal.....	10
Síntese	13
Capítulo II – As Relações entre Pais e Pares.....	15
Introdução.....	15
1. A vinculação na infância à adolescência	15
1.1. As relações com os pais	20
1.2. As relações com os pares	24
2. Vinculação como fator de risco ou proteção	27
3. O uso das tecnologias pelas crianças e adolescentes e a sua influência nas relações entre pais e pares	30
Síntese	34
Capítulo III – Estudo Empírico	36
Introdução.....	36
1. Objetivo de investigação	36
2. Método.....	37
2.1. Participantes	38
2.2. Materiais	40
2.2.1. Questionário Sociodemográfico (QSD).....	40
2.2.2. Inventário de Uso de Tecnologias (IUT)	40
2.2.3. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA).....	41
2.3. Procedimento.....	42
3. Resultados.....	44

3.1. Qualidades Psicométricas do Inventário do Uso das Tecnologias (objetivo 1).....	44
3.1.1. Análise Fatorial	45
3.1.2. Consistência Interna.....	48
3.2. Qualidades psicométricas do The Inventory of Parent and Peer Attachment (objetivo 2)	49
3.2.1. Consistência Interna do The Inventory of Parent and Peer Attachment.....	49
3.2.2. Análise Fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment.....	50
3.2.2.1. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala Mãe	51
3.2.2.2. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala do Pai	53
3.2.2.3. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala dos Pares	55
3.2.3. Uso das TIC (objetivo 3).....	58
3.2.3.1. Considerando a idade	59
3.2.3.2. Considerando o sexo	60
3.2.3.3. Considerando o NSE.....	61
3.2.3.4. Uso das TIC tendo em conta o Inventário de Uso de Tecnologias tendo em conta o sexo.....	62
3.2.3.5. Uso das TIC tendo em conta o Inventário de Uso de Tecnologias tendo em conta o grupo etário	65
3.2.4. Horas e a relação com a mãe e o pai (objetivo 4).....	67
3.2.5. Horas e a relação com os pares (objetivo 5)	68
3.2.6. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o grupo etário (objetivo 6).....	68
3.2.6.1. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o sexo	69
3.2.6.2. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o NSE.....	70
3.2.7. Relação entre a ligação com a mãe e com o pai e as Tecnologias de Informação e Comunicação (objetivo 7).....	71
3.2.7.1. Mãe.....	71
3.2.7.2. Pai	72
3.2.8. Relação entre a ligação aos pares e as Tecnologias de Informação e Comunicação (objetivo 8).....	73

4. Discussão dos resultados	74
Referências	91
Anexos	95

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Distribuição da idade da amostra</i>	38
Tabela 2. <i>Distribuição do sexo da amostra face ao nível socioeconómico</i>	39
Tabela 3. <i>Distribuição do grupo etário da amostra face ao nível socioeconómico</i>	39
Tabela 4. <i>Análise fatorial em fatores comuns e únicos do Inventário de Uso de Tecnologias, após rotação Varimax para a amostra total (N=140)</i>	47
Tabela 5. <i>Valores do alfa de Cronbach das subescalas do Inventário de Uso de Tecnologias</i>	49
Tabela 6. <i>Valores do alfa de Cronbach das subescalas do Inventory of Parent and Peer Attachment</i>	50
Tabela 7. <i>Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala da mãe (n=140)</i>	52
Tabela 8. <i>Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala do pai (n=134)</i>	54
Tabela 9. <i>Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala dos pares (n=140)</i>	57
Tabela 10. <i>Distribuição do uso de equipamentos tecnológicos por grupo etário e sexo</i>	58
Tabela 11. <i>Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias) face ao grupo etário</i>	59
Tabela 12. <i>Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias) face ao sexo</i>	60
Tabela 13. <i>Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias) face ao nível socioeconómico</i>	61
Tabela 14. <i>Distribuição do uso das tecnologias pela análise de itens do Inventário de Uso de Tecnologias face ao sexo</i>	64
Tabela 15. <i>Distribuição do uso das tecnologias pela análise de itens do Inventário de Uso de Tecnologias face ao grupo etário</i>	66
Tabela 16. <i>Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para o grupo etário em relação às horas de utilização das TIC em tempo de aulas, fins de semana e de férias</i>	69
Tabela 17. <i>Apresentação dos resultados relativos ao Teste T quanto às horas de utilização das TIC e o sexo em tempo de aulas, fins de semana e férias</i>	70

Tabela 18. <i>Apresentação dos resultados relativos à análise de variância (ANOVA) tendo em consideração o número de horas de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação e o Nível Socioeconómico em tempo de aulas, fins de semana e férias</i>	70
Tabela 19. <i>Apresentação dos resultados relativos à Post hos Scheffé</i>	71
Tabela 20. <i>Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment mãe</i>	72
Tabela 21. <i>Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment pai</i>	73
Tabela 22. <i>Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment pares</i>	74

Introdução Geral

Na atual sociedade o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é algo presente na vida de todos, transversal a todas as idades desde as crianças até aos mais velhos. Para além deste uso universal realizado por todos, o acesso às tecnologias é algo fácil e inerente a qualquer contexto e ocasião. É inegável concluir que as tecnologias vieram trazer novas formas de contatar com o mundo sendo, atualmente, uma área fundamental. A principal questão da presente investigação foi perceber quando é que esse uso deixa de ser normativo e se transforma em abusivo, com consequências negativas para o funcionamento global do próprio utilizador e das pessoas envolventes. Paralelamente, uma outra ambição do presente trabalho foi compreender se as relações interpessoais (i.e., com os pais e com os pares) sofrem alterações em consequência da utilização das TIC. Assim, tendo em conta as duas ideias centrais suprarreferidas, surge a seguinte pergunta de partida: “o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC alteram as suas relações com os pais e os pares?”, tendo sido definido como objetivo estudar o uso que as crianças e adolescentes fazem das tecnologias e a forma como esse uso interfere nas relações familiares e sociais, nomeadamente com os pais e os pares.

O presente trabalho encontra-se organizado em três capítulos: o primeiro intitula-se de As Tecnologias de Informação e Comunicação, no qual é feita uma revisão da literatura das temáticas mencionadas, nomeadamente uma breve introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação no que diz respeito à sua caracterização, prevalência e consequências do seu uso; o segundo capítulo é denominado de As relações entre pais e pares, no qual se encontra uma breve abordagem à área da vinculação durante a infância e a adolescência, particularmente nas relações com os pais e os pares, abordando as características que as definem, as diferenças que se encontram e todo o

processo evolutivo das mesmas; por fim, o terceiro capítulo denomina-se por Estudo Empírico, sendo descrito e apresentado o estudo executado, mencionando os objetivos que o orientam, a caracterização dos participante e todo o procedimento, seguindo-se da apresentação dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos.

Capítulo I – As Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

As Tecnologias de Informação e Comunicação correspondem a todos os recursos e meios tecnológicos. É uma área em crescimento e de utilização global sendo que, uma das grandes ferramentas associadas às TIC, é a utilização da *internet*. Assim, neste capítulo serão definidas e caracterizadas as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) existentes, nomeadamente a *internet*, bem como a sua constante mudança, omnipresença e interferência na vida quotidiana dos seres humanos. Posteriormente irá ser caracterizado o uso da *internet* através dos seus aspetos positivos e negativos que poderão interferir no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Serão explorados os tipos de supervisão parental e algumas das estratégias de controlo que podem acompanhar o uso que as crianças e os adolescentes fazem dos meios digitais, munindo os pais com informações precoces sobre o mesmo. Por fim, atendendo a estudos realizados e dados estatísticos de Portugal, será descrito o uso que as crianças e adolescentes fazem, atualmente, da *internet*. Assim, todo o enquadramento teórico retratado no presente capítulo, foi objetivamente selecionado de forma a constituir-se como suporte teórico do nosso estudo empírico.

1. As Tecnologias de Informação e Comunicação

A difusão das tecnologias digitais caracteriza-se por uma aceleração tecnológica decorrente do avanço técnico no campo das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade novas possibilidades de comunicação, de produção e difusão de informações (Adams, Schütz, Staub & Menezes, 2013). Estas tecnologias favorecem novas formas de interação social e novos estilos de vida, modificando a visão

acerca da tecnologia no que diz respeito à sua importância, utilização e papel social (Adams, et al., 2013).

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) correspondem a todo um conjunto de recursos tecnológicos, interferindo e mediando os processos informativos e comunicativos dos sujeitos. Os desenvolvimentos tecnológicos ajudam no crescimento das TIC, acelerando a produção, distribuição e uso da informação, sendo que a inovação mais importante trazida por estas é o aumento do uso da *internet* (Isik & Alkaya, 2017). A *internet* é uma poderosa fonte de acesso a informação, entretenimento, redes sociais, jogos e comunicações internacionais com, por exemplo, familiares e amigos (Reiner, Tibubos, Hardt, Mller, Wolfling, & Beutel, 2017; Wang, Zhou, Lu, Wu, Deng & Hong, 2011).

Os adolescentes são particularmente atraídos pelas TIC, pois possibilita-os de contactar e interagir com os outros mantendo o carácter de anonimato, ao mesmo tempo que experienciam um sentimento de aceitação social (Milani, Osualdella, & Di Blasio, 2009). Atualmente, as TIC (nomeadamente a *internet*) tornaram-se ilimitadas e omnipresentes, permitindo às crianças e adolescentes a sua utilização em locais como escolas e bibliotecas, expandindo o seu uso para além da casa. Tal afirmação é sustentada por um estudo de Sozio, Ponte, Sampaio, Senne, Ólafsson, Alves e Garroux (2015) onde foram aplicados questionários a 3500 crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, de sete países europeus, incluindo Portugal, sendo que cada país contou com aproximadamente 500 participantes. O objetivo do estudo foi analisar as mudanças das condições de segurança *online* dos participantes em função do uso da *internet*. Um dos resultados obtidos demonstra que 49% da amostra de alunos portugueses acedem à *internet* livremente na escola, corroborando o uso transversal das TIC em qualquer contexto.

Face a este paradigma, da possibilidade de utilizar as TIC em qualquer local, atualmente já se encontra a denominação de vício e adição da *internet* e de dispositivos digitais (e.g., telemóveis/*smartphones*, computadores, consolas de jogos), caracterizando-se por uma perda gradual do controlo do comportamento individual, sendo que o sujeito concentra as suas atividades do quotidiano na dimensão virtual (Wasinski & Tomczyk, 2015). Apesar disto, apenas o Transtorno do Jogo pela *Internet* é inserido na última versão do *Diagnostical and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM- V)* (2014) classificado como a presença de um “Uso persistente e recorrente da internet para envolver-se em jogos, frequentemente com outros jogadores, levando a prejuízo clinicamente significativo ou sofrimento” (p. 795). Assim, os sintomas que podem estar associados a esta condição, são definidos como a existência de preocupação com os jogos da *internet*; sintomas de abstinência aquando a sua não utilização; tolerância (necessidade de despender mais tempo a jogar); prévias tentativas fracassadas de controlar o uso dos jogos; perda de interesse em atividades tidas anteriormente como prazerosas; utilização excessiva do jogo mesmo conhecendo as suas consequências e prejuízos psicossociais; falsear a terceiros o tempo de utilização dos jogos; uso dos jogos a fim de evitar ou aliviar humor negativo; e perda ou risco de relacionamentos ou oportunidades profissionais e educacionais devido ao uso e participação de jogos na *internet*.

Para Beard e Wolf (2001) o uso problemático da *internet* é definido como um uso que gera dificuldades a nível psicológico, social, escolar e/ou no trabalho, na vida e no quotidiano do sujeito. Num estudo conduzido por Wang e colaboradores (2011), apresentou como objetivos conhecer a prevalência de problemas da *internet* e investigar a relação entre os potenciais fatores de risco e os problemas da *internet*. A amostra foi constituída por 12446 alunos, sendo que os resultados indicam que 12,2% dos participantes apresentavam sinais de problemas de *internet*. Outro resultado indica que

os adolescentes que passam mais de 8 horas a navegar na *internet* apresentam uma maior probabilidade de evidenciar problemas na *internet*. Assim, o elevado tempo despendido nas TIC, nomeadamente na *internet*, é um fator de risco para as crianças e adolescentes apresentarem problemas na *internet*.

Todo o uso das tecnologias é identificado como uma dualidade de aspetos positivos e negativos. Uma vez *online*, as crianças e os adolescentes contactam com uma larga variedade de atividades em áreas que vão desde jogos e entretenimento, educação e interação social (Malby, Jesrani, Bañuelos, Holterhof & Hahn, 2015). Mencionando algumas das consequências positivas da emergência das tecnologias e ao seu uso consciencializado pelas crianças e jovens, encontramos aspetos como: melhorias das condições de aprendizagem; maior ajuda na realização de trabalhos escolares devido à facilidade na obtenção de informação através de fontes de conhecimento; e potenciar a socialização e entretenimento entre familiares e amigos (Media Awareness Network, 2003). A utilização da *internet* para fins sociais é um motivo bastante atrativo e comum entre as crianças e adolescentes, sendo uma oportunidade de fazer novos amigos e, assim, manter uma crescente rede de relações. Desta forma, a interação social (e.g., pela utilização das redes sociais) permite aos utilizadores publicar e trocar informações pessoais, fotos e vídeos, construir redes de amigos e manter altos níveis de interação e troca de informações, partilhando vários aspetos da vida diária (Malby, et al., 2015).

Por outro lado, temos também de abordar os aspetos menos positivos e potenciais perigos decorrentes do uso descontrolado e excessivo das tecnologias, sendo eles: exposição a conteúdos inapropriados como pornografia e violência; incitação ao ódio e racismo; contacto com indivíduos que poderão comprometer a segurança da criança e da família, tendo em conta a facilidade de exposição de informações pessoais, juntamente com a dificuldade ou quase impotência de saber quem se encontra do outro lado devido

à possibilidade de manter o anonimato e, até mesmo, a criação de perfis e dados falsos; risco acrescido de ser agressor ou vítima de *bullying*; e contacto com conteúdo persuasivo (Media Awareness Network, 2003).

As crianças correm um risco especial pois, muitas vezes, não entendem completamente as ameaças associadas ao uso das tecnologias, podendo não estar suficientemente conscientes de que, uma vez compartilhada informação (e.g., conversas, fotografias), o posterior controlo desse material é impossível (Malby et al., 2015). Atualmente existe um consenso geral entre educadores, psicólogos, médicos e pais em relação aos efeitos negativos que a *internet* pode gerar a nível psicológico (e.g., cansaço mental), cognitivo (e.g., dificuldade em distinguir o real do mundo *online*) e desenvolvimento social (e.g., confusão de identidade; isolamento social) (Chen & Lin, 2015). No entanto, é de salientar que a exposição a conteúdos de risco pode não conduzir necessariamente a danos, podendo tornar os jovens mais resilientes e com mais capacidades de gerir tais situações no futuro (Ponte & Batista, 2019).

2. Supervisão parental e estratégias de controlo

Os pais adquirem uma posição ambivalente em relação à exposição dos filhos às novas tecnologias pois, se por um lado possibilita um maior controlo parental (e.g., através de chamadas de telemóvel) e inclusão digital (e.g., interação com os outros), por outro, existe a consciência que este acesso pode gerar exposição a conteúdos inapropriados (e.g., contacto com estranhos) (Haddon & Vincent, 2014). No entanto, face há existência destas e de outras consequências negativas das TIC, é absolutamente necessário que o uso da *internet* feito pelas crianças seja supervisionado pelos adultos (e.g., pais, tutores, professores) (Cho & Cheon, 2010).

Assim, as formas de supervisionar as atividades *online* decorrentes do uso da *internet* podem incluir a orientação das crianças nessas mesmas atividades, estabelecendo

regras para regular esse uso, bem como a implementação de medidas para restringir o acesso a conteúdos inapropriados (e.g., medidas de segurança instaladas nos próprios dispositivos tecnológicos) (Rosen et al., 2008). No entanto, a constante evolução e sofisticação tecnológica poderão criar dificuldades aos pais na utilização das ferramentas de segurança e privacidade existentes para proteger os filhos, e supervisionar as suas atividades *online*, sendo necessário uma contínua atualização dessas mesmas funções (Malby et al., 2015).

Para Livingstone e Helsper (2008), existem três estratégias que os pais podem utilizar com objetivo de supervisionar qualquer atividade *online* realizada pelos filhos, sendo elas: mediação ativa, referindo-se a conversas instrutivas ou avaliativas de forma a discutir, explicar ou partilhar comentários sobre determinadas atividades *online* que os filhos realizam; mediação restritiva, envolvendo a criação e estabelecimento de regras para restringir as atividades *online*, incluindo a implementação de restrições de tempo (os pais definem horas específicas para a utilização das plataformas *online*), local de uso (os pais definem sítios próprios para a utilização das TIC) e de conteúdos (e.g., proibição de determinadas páginas de *internet*), sem necessariamente ser explicado os efeitos que tais conteúdos poderiam apresentar nas crianças e adolescentes; e, por fim, co-utilização, referindo-se ao uso conjunto dos pais e dos filhos, partilhando atividades e experiências, mas sem comentarem os conteúdos assistidos ou os seus efeitos.

Num estudo realizado com 1974 crianças e jovens, dos 9 aos 17 anos, conduzido pela EU Kids Online (Ponte et al., 2019) para perceber o uso das tecnologias pelos mais jovens, 63% dos participantes afirmam existirem regras que orientam o que é permitido e não permitido fazer em casa (não mencionando se serão regras relacionadas com o uso das tecnologias), sendo esse reconhecimento mais mencionado pela faixa etária dos 9 aos 12 anos. Já 37% dos participantes dizem ignorar as regras dos pais, sendo que tal vai

umentando com o avançar da idade. Cerca de 31% dos participantes dizem falar frequentemente com os pais sobre as atividades que realizam na *internet*. Tal resultado diminui com o avançar da idade, e é mais reportado pelo sexo feminino em comparação com o sexo masculino. Os resultados que se podem assemelhar ao tipo de mediação ativa indicam que 41% dos participantes mencionam com frequência que os pais partilham conselhos sobre como utilizar a internet de forma segura e 45% indicam que os pais sugerem formas para o fazer. Mais uma vez, tais valores decrescem à medida que a idade progride, e são mais reportados pelo sexo feminino. No que diz respeito à mediação restrita, os resultados indicam uma baixa existência de regras de restrição referentes a atividades *online*, sendo que apenas 7% dos participantes não têm autorização para utilizar as redes sociais, 5% não têm autorização para descarregar ficheiros como músicas e filmes e 9% não têm autorização para utilizar a câmara de vídeo dos telemóveis e computadores. Todas estas restrições são mais elevadas entre os participantes mais jovens, nomeadamente nas idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos. No que se refere ao bloqueio de conteúdos, 22% das crianças indicam que os pais fazem uso de ferramentas de bloqueio de determinados conteúdos e 21% usam ferramentas para controlar as aplicações que os filhos utilizam.

Em suma, com o presente estudo é possível perceber que a existência de regras em casa (não referindo se estarão relacionadas ao uso das tecnologias) são aplicadas à maioria dos participantes. No entanto as quebras das referidas regras são mais sentidas pelos participantes mais velhos, bem como a diminuição da aplicação de estratégias (i.e., mediação ativa e restrita) nas crianças mais velhas. Desta forma, as crianças mais velhas poderão estar mais facilmente em contacto com situações de perigo *online*, algo que deveria ser evitado.

3. O uso da *internet* em Portugal

Para conhecer o uso que as crianças e adolescentes portugueses fazem das novas tecnologias iremos recorrer a dados estatísticos de estudos realizados nesse âmbito.

De acordo com os dados de 2018, disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2018), cerca de 79% das famílias portuguesas dispõem de acesso à *internet* em casa, sendo que esse acesso é mais elevado em famílias com crianças e jovens até aos 15 anos de idade, traduzindo-se um total de 96%. Estes resultados confirmam a tendência crescente de utilização, uma vez que em 2015 a percentagem rondava os 70%.

Recorrendo mais uma vez às estatísticas (INE, 2016), Portugal apresentou em 2015 uma média superior à União Europeia (UE) relativamente à percentagem de utilização de redes sociais, 70% para 63% (respetivamente).

Muitos dos dados estatísticos do uso da *internet* pelas crianças são recolhidos pela EU Kids *Online*, uma rede multinacional de pesquisa. Tem como objetivo estudar a atividade *online* das crianças europeias, a nível do conhecimento de oportunidades, riscos e segurança. No total fazem parte do estudo 33 países (incluindo Portugal) e a recolha de informação é feita junto das crianças e pais.

Assim, um estudo conduzido pela EU Kids *Online* (Ponte, Simões, Batista & Jorge, 2017) apresentou como objetivo conhecer o uso que as crianças dos 3 aos 8 anos fazem das TIC. Os participantes no estudo foram 656 famílias sendo aplicado um questionário aos pais e um questionário às crianças com idades entre os 6 e os 8 anos. A caracterização do nível socioeconómico (NSE) das famílias resultou da conjugação de duas variáveis: o grau de escolaridade e a profissão. Assim, 49% dos participantes inserem-se no NSE médio, 29% de NSE baixo e 22% de NSE alto. Para perceber qual o equipamento tecnológico mais utilizado em casa das famílias, 99% dos inquiridos dizem dispor de televisão, 92% de telemóvel, 70% de computador portátil e 68% de *tablet*. Quando

correlacionado os equipamentos tecnológicos e o NSE, o NSE alto é quem apresenta um maior número de todos os equipamentos tecnológicos, seguido do NSE médio e, por último, o NSE baixo. Para compreender o uso que as crianças fazem desses equipamentos existentes em casa, os resultados indicam que a televisão é utilizada por 96% das crianças e 73% podem utilizá-la com ligação à *internet*. No que diz respeito ao *tablet*, 63% das crianças possuem um para uso pessoal. O telemóvel e o computador portátil são usados por 45% das crianças, sendo que 18% dos mesmos têm um telemóvel para uso pessoal. A utilização de todos os equipamentos é maior na faixa etária entre os 6 e os 8 anos. Quando questionado aos pais o uso que os mesmos fazem da *internet*, 68% dizem utilizar a *internet* com uma frequência diária, 21% indica nunca a utilizar e 10% caracterizam a sua utilização de forma esporádica, ou seja, uma vez por semana. Um outro resultado mencionado no estudo diz respeito à percentagem de utilização dos equipamentos tecnológicos existentes em casa tendo em conta o NSE. Assim, os resultados indicam que o NSE baixo é quem atinge percentagens mais elevadas de uso dos seguintes equipamentos: computador portátil (52%); *tablet* (76%); e consola de jogos (78%). O único equipamento que não é mais utilizado pelo NSE baixo é o telemóvel, sendo o NSE alto quem mais o utiliza (49%).

Para conhecer o uso dos dispositivos tecnológicos por crianças mais velhas, o estudo de Ponte (et al., 2019) inquiriu participantes com idades entre os 9 aos 17 anos. No que caracteriza o tempo médio diário de uso da *internet* tendo em conta a idade, os resultados indicaram que o seu uso aumenta com a idade (i.e., entre os 9 e os 10 anos é de 1,8 horas; 11 aos 12 anos é de 2,5 horas; 13 e 14 anos é de 3,6 horas; 15 e 17 anos é de 4,0 horas), com o grupo etário mais velho a utilizar mais horas a *internet*. Face ao sexo, não existem diferenças significativas entre o número de horas mas, mesmo assim, o sexo

masculino apresenta 3,3 horas e o sexo feminino de 3,1 horas. Os resultados evidenciam que os *smartphones* são os dispositivos preferidos para acesso à internet (9 em cada 10 indivíduos usa-os todos os dias), mais do dobro do uso diário de computadores (41%). O acesso pelo *tablet* é apenas realizado por um quarto dos inquiridos sendo que diminui com a idade. Tendo em conta as atividades realizadas, estas integram dois grandes grupos, o entretenimento e a comunicação: 80% usam a *internet* todos os dias para ouvir música e ver vídeos, 75% para comunicar com familiares, amigos ou ir às redes sociais, e os jogos *online* são referidos por quase metade dos inquiridos. Atendendo aos riscos e danos do uso *online*, 23% das crianças e jovens viveram situações que os incomodaram ou perturbaram, sendo que em relação a 2014, esse valor aumentou bastante entre os mais novos (9 a 10 anos), passando de 3% para 25%. O *bullying* continua a ser uma situação preocupante uma vez que registou valores de 24%, sendo que em 2014 se situavam nos 10%. A agressão mais registada (64%) diz respeito a mensagens digitais com o intuito de magoar e ofender. Paralelamente, a exposição a conteúdos de cariz sexual é referida por 37% dos inquiridos, acontecendo mais em adolescentes (41% entre os 13 e 14 anos; 59% dos 15 aos 17 anos), bem como terem enviado e recebido mensagens de cariz sexual (26%). O contacto *online* com pessoas desconhecidas foi assumido por 71% dos participantes com idades compreendidas entre os 15 e 17 anos e 62% entre 13 e 14 anos. Para além disso, 44% dos participantes já se encontraram pessoalmente com sujeitos que conheceram *online*. As reações mais comuns desse momento foi “ficar contente” (79%), “nem contentes nem perturbados” (19%) e “perturbados” (2%) sobretudo na faixa etária dos 9 e 10 anos. A exposição a conteúdos negativos foi considerada elevada já que 46% dos jovens entre os 11 e 17 anos acederam a imagens violentas contra pessoas e animais, 45% visualizou páginas da *internet* que abordavam automutilação e 43% acederam a conteúdos de mensagens de ódio contra indivíduos e grupos sobre raça, religião,

nacionalidade ou sexualidade. É de salientar também o contacto com conteúdos de consumo de drogas (35%), incitação à anorexia (32%), formas de cometer suicídios (29%) e conteúdos de cariz sexual (37%). Para concluir, todos os conteúdos negativos apresentados tendem a aumentar consoante a idade. Após a exposição aos conteúdos negativos suprarreferidos, 22% dos participantes dizem não ter falado com ninguém sobre isso, e os participantes que falaram com alguém recorreram aos amigos da mesma idade (42%) e aos pais (33%).

Relativamente ao uso excessivo da *internet*, 60% dos participantes dizem ter ficado aborrecidos por não poderem estar *online*, 46% usaram-na sem um propósito definido e 11% admitiram, com muita frequência, deixar de estudar e passar menos tempo com a família e amigos para estar na *internet*.

A mediação da internet por parte dos pais caracteriza-se pela transmissão de conselhos sobre o seu uso em segurança e na ajuda quando existe alguma situação incomodativa.

Síntese

No presente capítulo foram definidas e caracterizadas as TIC, percebendo a sua progressiva evolução até ao momento presente, a importância da supervisão parental e estratégias utilizadas e, por último, foi possível conhecer um pouco da realidade das crianças e adolescentes portugueses no que diz respeito ao uso das mesmas, através da referência de estudos portugueses.

As TIC são poderosas ferramentas de socialização e entretenimento, estando em constante evolução e crescimento, tornando-se assim inegável a forma como estas ferramentas transformaram a vida de todos nós. A *internet* é, sem dúvida, o maior *boom* trazido pelas TIC e, pela sua utilização diária, simples e transversal de aceder em qualquer contexto, hoje já são conhecidos e estudados os possíveis problemas relacionados ao seu uso excessivo, como por exemplo a sua adição.

As crianças e os adolescentes são especialmente atraídos para este uso, algo que é justificável visto ser uma ferramenta que os acompanha desde cedo. Assim, não negando os avanços e as consequências positivas que a era tecnológica apresenta, é necessário ter bem presente as consequências negativas, decorrentes do seu uso excessivo e/ou não acompanhado de supervisão pelos pais e cuidadores. Consequências essas que podem afetar diversas áreas do desenvolvimento, e são reconhecidas pelos pais e profissionais, como potenciais perigos.

Consequentemente, foi possível perceber a necessidade de existir supervisão de adultos, na tentativa de reduzir tais possíveis consequências negativas provenientes desse uso. Assim, face à constante evolução, crescimento e omnipresença das TIC, será sem dúvida uma área em constante atualização, e de extrema importância para ser estudada devido à sua interferência diária na vida de todos nós.

Capítulo II – As Relações entre Pais e Pares

Introdução

A vinculação é um conceito base para se entender a importância da existência de uma relação saudável e segura entre o cuidador e o bebê, sendo os pais as suas principais referências e modelos. À medida que as crianças crescem, os pares tornam-se também eles figuras de vinculação e, desta forma, a relação com os pais e pares assume uma elevada importância pois orientarão muitas das etapas do desenvolvimento dos jovens. Desta forma, neste segundo capítulo, será feita uma abordagem à área da vinculação, através de uma breve introdução ao seu conceito e origem. O desenvolvimento da vinculação ao longo da infância até ao período da adolescência também serão temas explorados no presente capítulo, abordando as relações com os pais e pares e o seu processo de transformação e evolução ao longo do desenvolvimento. Por fim, será abordada a importância da vinculação, nomeadamente da sua importância como fator de risco ou proteção para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

1. A vinculação na infância à adolescência

A vinculação é um construto vital na sobrevivência da espécie humana, sendo que os bebés nascem com um sistema comportamental assegurando assim a sua proteção e sobrevivência (Soares, 2007). A vinculação apresenta como função biológica a sobrevivência e como função psicológica a obtenção de segurança, sendo que ambos só são atendidos se o adulto corresponder e responder ao comportamento da criança (Schaffer, 2004). Assim, a criança representa a figura vinculada, procurando proteção e segurança e a figura de vinculação é quem assegura essas necessidades (Bowlby, 1969/1982). Essencialmente, a vinculação descreve um processo normativo e

fundamental no desenvolvimento do ser humano, definido em termos de regulação comportamental e afetiva (Gullone & Robinson, 2005).

A vinculação funciona como um sistema de controlo: destina-se a manter um determinado estado uniforme. Este sistema não se desliga, está permanentemente funcional, tendo em conta todas as possíveis alterações de intensidade. Essas alterações podem ocorrer devido a dois tipos de fatores: questões relacionadas com as condições da criança, nomeadamente o seu estado de fadiga, doença, fome ou dor; e fatores relacionados com o ambiente, relacionando a existência de estímulos ameaçadores e a localização, acessibilidade e disponibilidade da figura de vinculação (Bowlby, 1969/1982).

Bowlby (1958) salienta que a vinculação do bebé à mãe assenta em comportamentos constituídos por respostas intuitivas, sendo que no início são independentes umas das outras e, com o passar do tempo, se tornam organizadas e direcionadas à figura de vinculação, assegurando a sua vinculação a esta. O mesmo autor descreve cinco comportamentos realizados pelas crianças com o intuito de contribuir para a criação e desenvolvimento da vinculação, denominando-os de comportamentos de vinculação, sendo eles: chuchar, agarrar, seguir, chorar e sorrir.

Todas as ligações da vinculação assumem características como: (1) são seletivas, centradas em indivíduos específicos que geram um comportamento de vinculação de maneira e grau que não são encontrados nas relações com os outros; (2) envolvem uma procura de proximidade física, ou seja, um esforço para manter essa aproximação; (3) proporcionam conforto e segurança, resultantes da crescente proximidade; e (4) podem gerar ansiedade de separação quando a ligação, o vínculo é quebrado e a proximidade não é possível (Schaffer, 2004).

De acordo com Bowlby (1973) as interações diárias e repetidas entre os pais/cuidadores e o bebê resultam no desenvolvimento de expectativas sobre o cuidado que os mesmos prestam. Com isto, elas são gradualmente interiorizadas e organizadas em modelos internos relativos à prestação desses mesmos cuidados, da relação com esse cuidador e das relações de vinculação no geral. Assim, Bowlby (1973) conceptualizou os modelos internos dinâmicos como um mecanismo através das quais as interações com os cuidadores são internalizadas.

Esses modelos internos provêm da disponibilidade e da capacidade de resposta do cuidador e permitem aos indivíduos adaptarem as suas comunicações com os cuidadores para assegurar a manutenção da vinculação (Kobak, Zajac & Madsen, 2016). Assim, vai ser possível antecipar a resposta do cuidador, sendo que uma criança que experiencia várias respostas em sintonia com as necessidades que procura, irá desenvolver expectativas confiantes da disponibilidade e capacidade de resposta desse cuidador. Expectativas seguras provenientes da disponibilidade de um cuidador tendem a promover um funcionamento adaptativo e a apresentar mais recursos internos de interpretar e lidar com algumas dificuldades e rompimentos de relações, enquanto que expectativas negativas ou inseguras tendem a deixar o sujeito vulnerável a dificuldades subsequentes nas relações (Kobak et al., 2016). As relações assentes em cuidados sensíveis potenciam o desenvolvimento de uma vinculação segura, sendo os modelos internos relativos ao cuidador traduzidos como confiáveis, do eu como merecedor de apoio e da relação em si como fonte de segurança (Berlin, Cassidy & Appleyard, 2008). Por outro lado, o cuidado insensível promove uma vinculação insegura, em que os modelos internos relativos ao cuidador são percebidos como indisponíveis e indignos de confiança, o eu como não merecedor de apoio e de cuidado e o relacionamento como não confiável (Berlin et al.,

2008). Para Bowlby (1973), a criação destes modelos moldam e orientam o desenvolvimento de outras relações, ou seja, uma criança que pelos modelos internos apresenta uma vinculação segura, espera que os outros sejam sensíveis e solidários, ao invés de uma criança insegura que percebe os outros como insensíveis e não apoiantes. Durante a infância e toda a adolescência, essas representações dos modelos de vinculação vão influenciar a forma como estes se comportam em situações sociais envolvendo outras pessoas, como por exemplo os pares (Dykas, Ziv, & Cassidy, 2008). Assim, os modelos internos dinâmicos provêm das representações do passado e são usados no presente para orientar o comportamento nas relações presentes e futuras (Scaffer, 2004).

Face a tudo isto, é importante mencionar que os modelos internos não são imutáveis, na ocorrência de grandes mudanças e alterações no ambiente ou na própria pessoa (e.g., traumas e perdas), exigindo assim a reformulação desses modelos (Schaffer, 2004).

Passando agora à caracterização da vinculação na infância, neste período o mundo social das crianças é bastante orientado e moldado pelos membros da família (Kerns, 2008). Os pais são claramente as figuras sociais primárias na vida das crianças e os seus companheiros de brincadeiras, exercendo bastante controlo sobre o ambiente das crianças e das pessoas com quem as mesmas apresentam contacto social (Kerns, 2008). Com o passar do tempo e muito ajudado pela entrada na escola primária, as crianças permanecerão mais tempo afastados dos pais, levando os mesmos a exercer menos controlo e influência no ambiente e experiências sociais que estas vivenciam (Kerns & Brumariu, 2016). Com isto, este novo contexto coloca novas exigências às crianças e, ao mesmo tempo, fornece e potencia experiências sociais importantes, tornando-se progressivamente mais autossuficientes e com uma maior responsabilidade pelos seus

comportamentos (Kerns et al., 2016). Paralelamente, as crianças vão conseguir suportar separações mais longas e maiores distâncias das figuras de vinculação, desde que as crianças saibam que é possível fazer contacto com elas (e.g., por telefone). Não obstante à diminuição de tempo passado com os pais, ao ambiente escolar e às experiências sociais, os pais continuam a representar as principais figuras sociais e de vinculação na vida das crianças (Kerns et al., 2016).

Já a adolescência é concebida como um período de transição entre as vinculações da infância, estabelecidas essencialmente no contexto da relação entre pais e filho, e as ligações afetivas adultas que ultrapassam as relações familiares (Soares, 2007). Assim, a partir da adolescência, os comportamentos de vinculação serão também dirigidos com maior intensidade a outras figuras como pares e parceiros (Alarcão, 2006), aspeto que será aprofundado com maior detalhe no ponto 1.2. Desta forma, observa-se uma mudança na hierarquia da vinculação, em que os adolescentes dão preferência a certos indivíduos em detrimento de outros tornando-se assim um sistema mais flexível e até mesmo multidimensional (Bowlby, 1969/1982).

As mudanças e o desenvolvimento da vinculação na adolescência, tem por base as transformações cognitivas, emocionais e comportamentais, que irão impulsionar um sentido mais claro, complexo e diferencial do *self* e do outro (Soares, 2007). Também possibilitará uma crescente e profunda reavaliação das relações vinculativas, bem como o aumento significativo da capacidade para explorar o *self*, os outros e o mundo (Soares, 2007). O adolescente será capaz de integrar diversas experiências relevantes da vinculação ocorridas quer no passado como no presente, e começar a reavaliar cognições, memórias e reações afetivas relacionadas à vinculação. Assim, as presentes mudanças ocorridas nesta fase de desenvolvimento não se devem apenas ao espelho das experiências

passadas, mas sim ao resultado dessas experiências, que também serão influenciadas pelas qualidades dos relacionamentos atuais e pelas crescentes capacidades cognitivas e emocionais (Allen & Tan 2016). É também neste período de desenvolvimento que se irá consolidar internamente a vinculação (Soares, 2007).

De forma a clarificar as etapas e as diferenças dos períodos entre a infância e a adolescência, Srofe, Egeland, Carlson e Collins (2008) definem três fases, a saber: pré-escola, em que ocorre um encorajamento progressivo e positivo aos pares; meia infância, marcado por um investimento com os pares; e adolescência, pela integração do *self* e dos relacionamentos com os pares. Assim, no primeiro estágio (pré-escola) emergem áreas de interesse e desenvolvimento como a seleção de pares específicos; interação com os pares pela excitação e pelo prazer; e integração em grupos. O segundo estágio (meia infância) é marcado pela formação de amizades leais e manutenção de relacionamentos; partilha de experiências emocionais e amadurecimento do *self* nos relacionamentos; e integração e partilha de grupos estáveis e organizados. O último estágio (adolescência) é assinalado pela formação de relacionamentos íntimos, através da descoberta do *self* em relacionamentos amorosos; compromissos de relacionamentos levando a uma progressiva autodescoberta e autoidentidade; e participação numa rede de relacionamentos pela partilha de sistemas de regras e limites próprios. Para auxiliar na compreensão dos estádios, os autores salientam que cada fase tem como base as competências adquiridas da fase anterior, sendo todas interdependentes.

1.1. As relações com os pais

A família representa um papel muito importante no desenvolvimento psicossocial e bem-estar das crianças (Wang et al., 2011), sendo que a primeira experiência de relações das crianças geralmente ocorre no seio familiar. A família funciona como um grupo

restrito e íntimo e é aqui que as crianças adquirem as primeiras regras de comportamento interpessoal (Scaffer, 2004).

Para Hartup (1989) as relações com os pais podem ser denominadas de relações verticais. Estas relações são estabelecidas com alguém que apresenta mais poder e conhecimento em comparação com as crianças, maioritariamente pessoas mais velhas, como são exemplo os pais e professores. As interações baseadas neste tipo de relação tendem a ser de natureza complementar, como por exemplo quando a criança procura ajuda e o adulto presta-a. Uma das principais funções aqui assegurada é de proporcionar às crianças segurança e proteção.

Na infância, a relação entre pais e filhos permanece bastante próxima sendo que, as crianças ainda não possuem a autonomia e conhecimento necessários para tomar decisões completamente sozinhas, necessitando de alguma supervisão ou proteção quando estão longe dos pais (Marvin & Preston, 2008). Sendo que não só é importante para a criança saber onde os pais estão, trazendo com isso a segurança necessária da acessibilidade dos mesmos, também os próprios pais precisam de saber onde estão os filhos, e quem está responsável pelos mesmos (Marvin et al., 2008).

Na adolescência, assiste-se a uma nova dinâmica relacional, oscilando entre as necessidades de vinculação e de exploração/autonomia, sendo que os pais podem funcionar como “figuras de vinculação de reserva”, na medida em que representam recursos disponíveis para o adolescente recorrer quando confrontado com situações de dificuldade ou *stress* (Soares, 2007). Neste sentido, é de esperar um maior afastamento do adolescente para com os pais, traduzindo-se num maior distanciamento e, por vezes, evitamento (Faria, Lima & Soares, 2013). Esta mudança nas relações com os pais é encontrada num estudo de Gullone e colaboradores (2005). O objetivo do estudo foi analisar as qualidades psicométricas da versão inicial do IPPA (i.e., perguntas dos pais

numa única escala) para outras idades. Assim, o estudo foi direcionado a duas amostras: uma com 118 participantes de idades compreendidas entre os 9 e 11 anos; e a segunda com 163 participantes com idades entre os 14 e os 15 anos. Os resultados referem que as relações entre pares aumentam com a idade, enquanto que as relações parentais diminuem, evidenciando assim a mudança na dinâmica relacional.

Assim, durante a adolescência e à medida que as competências de desenvolvimento aumentam, a necessidade de dependência dos pais e/ou figuras de vinculação diminui, e a necessidade de explorar e dominar novos ambientes tornam-se cada vez mais fortes, promovendo assim um crescimento saudável do sistema exploratório (Allen et al., 2016). Por conseguinte, essas mudanças exigem um novo equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e as necessidades exploratórias, com a exploração a assumir um papel cada vez mais central e importante (Gorrese & Ruggieri, 2012). Face a estas novas necessidades, a abordagem mais saudável e adaptativa parece ser uma mudança gradual e de alternância do foco do sistema de vinculação do adolescente, oscilando de pais para pares e parceiros românticos (Allen et al., 2016).

Paralelamente, é crucial a manutenção de uma relação forte e segura com os pais, havendo a necessidade de assegurar uma grande capacidade de comunicação entre as perspetivas e necessidades cada vez mais divergentes (Allen et al., 2016). Ainda para os mesmos autores, há necessidade de existir disponibilidade de ambos os lados (pais e filhos) para gerir conflitos, de uma forma que permita ao adolescente procurar e assegurar a sua autonomia, mantendo um relacionamento saudável entre ambos. A progressiva conquista de autonomia, a existência de novos relacionamentos e a manutenção de uma vinculação segura aos pais são processos complementares, com direções iguais (i.e., uma vinculação segura favorece o desenvolvimento de autonomia) (Machado & Oliveira, 2007). Esta complementaridade das relações é evidenciada numa meta-análise conduzida

por Gorrese e colaboradores (2012) em que pretendeu estudar associações entre a vinculação aos pares, vinculações aos pais, o sexo e a idade. Os resultados indicaram a existência de uma relação positiva entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares, sendo que a correlação entre a vinculação à mãe e a vinculação aos pares é significativamente maior.

A manutenção de uma relação saudável com os pais não é só importante na adolescência, mas também durante toda a infância. Tal afirmação é constatada pelos resultados de um estudo conduzido por Hakvoort, Bos, Balen e Hermanns (2010). Nele fizeram parte 88 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 8 a 12 anos, e apresentou como principal objetivo analisar a dinâmica das famílias e o bem-estar psicossocial das crianças. Os resultados revelaram que a relação entre pais e filhos tem um efeito significativo sobre o ajustamento psicossocial de uma criança. Desta forma, os resultados indicaram que a aceitação pai-filho influencia significativamente a autoestima de uma criança, enquanto o conflito pai-filho desempenha um papel significativo na previsão do comportamento problemático das crianças. Portanto, quando as crianças relataram níveis mais altos de aceitação e afeto para com os seus pais, foram evidenciados níveis mais altos de autoestima; por outro lado, as crianças que relataram níveis mais altos de conflito com os seus pais, também relataram níveis mais altos de comportamentos problemáticos. Em suma, este estudo exemplifica a necessidade e importância de manter uma relação saudável com os pais e a não existência de conflitos, para assegurar um desenvolvimento saudável quer na infância como na adolescência.

As relações com os pais não são iguais em todas as crianças nem, tão pouco, em todas as faixas etárias, e tal é evidenciado no estudo de Gullone et al. (2005) em que, tendo em conta as diferenças de sexo, existem diferenças significativas no sexo

masculino, a apresentar maiores níveis de vinculação aos pais (i.e., maiores pontuações nas dimensões Confiança e Comunicação e menores pontuações na dimensão Alienação).

1.2. As relações com os pares

Como referimos anteriormente, à medida que as crianças crescem, assiste-se a um aumento significativo de relações interpessoais, sendo que as relações com pessoas da mesma idade desempenham um papel muito importante e significativo na vida das crianças (Scaffer, 2004). Durante a infância e, muito devido à entrada para as creches e escolas primárias, a grande maioria das crianças desenvolvem relações próximas com outras crianças da mesma faixa etária (para além das pessoas mais próximas como os irmãos mais velhos e restante família), tornam-se pessoas com bastante importância e afeto (Marvin et al., 2008). As relações entre pares também não são todas idênticas, nem apresentam todas as mesmas características e intensidades. Na meta-análise conduzida por Gorrese e colaboradores (2012), os resultados mostraram que o sexo feminino é significativamente mais vinculado aos pares, pois reportam níveis maiores de confiança e de comunicação, comparativamente com o sexo masculino, resultado também obtido no estudo de Gullone (et al., 2005) e no estudo de Reiner et al. (2017) que teve como objetivo estudar as relações entre o uso da *internet* e a vinculação aos pares, o sexo e uso patológico, a 4047 adolescentes com idades entre os 12 e 18 anos. Assim, tal como os resultados dos estudos acima referidos, também os participantes do sexo feminino indicam uma vinculação maior aos pares. Relativamente às diferenças de idade e a vinculação aos pares não foram encontradas diferenças significativas. No entanto, com o decorrer da idade, os participantes do sexo feminino e masculino aumentam a vinculação aos pares. No estudo de Gullone (et al., 2005) os resultados evidenciaram diferenças significativas em relação à idade, com os adolescentes a evidenciarem maiores níveis de vinculação aos pares no que diz respeito às dimensões Confiança e Comunicação do

Inventário de vinculação aos pais e pares (IPPA). Por outro lado, as crianças evidenciaram maiores níveis de vinculação aos pais nas dimensões de Confiança e Comunicação; já a dimensão Alienação não apresenta diferenças de idade.

Para Hartup (1989), as relações com os pares são designadas de relações horizontais. Nas relações horizontais, estamos perante relacionamentos com sujeitos no mesmo patamar social; são relações igualitárias e as interações subsequentes tendem a ser recíprocas. Um exemplo dessa relação é encontrado entre crianças quando uma esconde algo, a outra criança procura; uma criança atira uma bola, a outra criança apanha-a. Outro aspeto importante é que os papéis sociais podem ser invertidos, porque os sujeitos apresentam capacidades semelhantes. Por fim, uma das funções essenciais deste tipo de relação é a aquisição de competências que apenas podem ser aprendidas entre pessoas com as mesmas características.

Schaffer (2004) afirma que pela interação com os pares, as crianças adquirem competências fulcrais como são exemplos as capacidades de liderança, as capacidades de resolução de conflitos, a função da partilha e como lidar com a hostilidade e que, com o passar do tempo e pela aprendizagem e partilha se cria uma autêntica cultura de pares, com normas de grupo próprias.

O mesmo autor salienta que todas estas relações com os pares são, em parte, influenciadas pelas experiências relacionais em contexto de família, incluindo a própria vinculação estabelecida inicialmente com o cuidador. Isto é, a personalidade dos pais determina as técnicas educativas parentais que os mesmos adotam para com os seus filhos. Estes, por sua vez, moldam alguns dos traços da personalidade que, por ligação, representam um papel relevante no tipo de relações formadas com os pares. No entanto, nem todas estas relações são unidirecionais, pelo contrário: as experiências das crianças

com os seus pares geram implicações na sua autoimagem e, conseqüentemente, nas características da sua personalidade. Tais características, influenciarão a forma como os pais tratarão a criança; e as características tanto dos pais como dos filhos estarão sempre interligadas, nem que seja pela herança genética comum.

Também para Gorrese (et al., 2012) as crianças e adolescentes que apresentam uma forte e segura vinculação com os seus pais/cuidadores poderão ser mais propensos a estabelecer relações seguras e de confiança com os seus amigos, reafirmando assim a influência das relações iniciais com os cuidadores até às relações de amizade estabelecidas à posteriori. A segurança dessa vinculação fornece as seguintes cinco bases para as posteriores relações com os pares, sendo elas: base motivacional; base de atitudes; base instrumental; base emocional e base relacional. A base motivacional, é marcada pelo surgimento de expectativas positivas acerca dos relacionamentos e de como estes serão gratificantes. Na base das atitudes, encontramos a presença de expectativas relativas ao domínio do mundo social e a convicção de extrair respostas dos outros. A base instrumental é centrada nas capacidades exploratórias e de lazer, encontrando no outro um apoio para a exploração. A base emocional inclui as capacidades para estimular e regular emoções. Por último, a base relacional, foca-se na empatia e nas expectativas de reciprocidade (Sroufe, et al., 2008).

Em suma, as relações de vinculação entre pares na adolescência diferem das da infância à medida que emergem novas áreas como a sexualidade e assiste-se a uma crescente e mútua capacidade de proporcionar conforto nos relacionamentos. Assim, após as relações iniciais com os pais que orientaram toda a infância da criança, na adolescência é de esperar que os pares e, posteriormente, os parceiros românticos comecem a representar figuras significativas nas vidas dos adolescentes (Allen et al., 2016).

As relações com os pais e com os pares desempenham diferentes funções no desenvolvimento e crescimento das crianças, sendo que cada uma dessas relações têm um papel distinto para cumprir a satisfação de certas necessidades na vida da criança, são assim relações essenciais e complementares (Scaffer, 2004). Como evidenciado no estudo de Armsden e Greenberg (1987) em que apresentaram como objetivo perceber a importância da vinculação aos pais e pares e a sua associação com o bem-estar psicológico na adolescência. Os resultados mostraram a existência de uma relação significativa entre o bem-estar psicológico e a qualidade percebida da vinculação dos adolescentes aos pais e pares. Demonstrando assim a importância de ambas as relações para um funcionamento saudável dos jovens.

2. Vinculação como fator de risco ou proteção

Após as noções principais da vinculação serem referidas e o seu desenvolvimento ao longo da infância e da adolescência é crucial perceber como se procede à sua avaliação, a sua importância para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e o papel que representa nas suas respostas face aos acontecimentos e exigências do meio, já que as representações de vinculação são particularmente importantes quando a nossa autosegurança está ameaçada (Scharfe & Eldredge, 2001).

A observação e avaliação da vinculação na primeira infância e o seu estudo individual deveu-se a Mary Ainsworth pelo seu procedimento laboratorial apelidado como “Situação Estranha”. Este estudo apresentou como grande objetivo observar e perceber a qualidade da vinculação da criança ao seu cuidador principal. A “Situação Estranha” consiste num experimento laboratorial tendo uma sequência de acontecimentos com objetivo de os bebés experienciarem situações do quotidiano, de forma a ativar e/ou intensificar o sistema comportamental de vinculação (Ainsworth & Witting, 1969). É

utilizado como um instrumento estandardizado para avaliar a natureza dos vínculos precoces e explicar de que forma as crianças diferem quanto ao tipo de vinculação que desenvolveram com a mãe (Scaffer, 2004). Inclui uma série de curtos procedimentos, com a seguinte ordem: a criança e a mãe juntos numa sala desconhecida; introdução de um adulto desconhecido; a mãe abandona o local, ficando a criança na sala com a pessoa desconhecida; o desconhecido abandona a sala, ficando a criança sozinha; e, por fim, o retorno da mãe (Scaffer, 2004). A conclusão desta experiência assenta na definição de dois grandes grupos que caracterizam os comportamentos demonstrados pela criança, sendo eles seguros e inseguros (Fox & Hane, 2008). As crianças que eram categorizadas como apresentando uma vinculação segura, mostravam sinais equilibrados de proximidade com a mãe e esta era positivamente recebida, aquando do seu regresso.

Assim, nesta classificação de vinculação segura, a criança é capaz de confiar nesse cuidador como fonte disponível de conforto e proteção quando algo atenta contra com a sua segurança e tranquilidade (Wienfield, Sroufe, Egeland & Carlson, 2008). Desta forma, os cuidadores possibilitam um cuidado atencioso de proteção, segurança e bem-estar físico, sendo responsivos aos sinais das crianças para a satisfação das suas necessidades, levando também à criação de maior competência emocional (Carr, 2014).

Já a classificação do tipo insegura, é subdividida em três grupos: evitante, resistente e desorganizada. As crianças inseridas na classificação evitante, ignoram o retorno do seu cuidador e podem evitar ativamente a proximidade e contacto; já as classificadas como resistente, exibem comportamentos de procura por proximidade e contacto e, paralelamente, demonstram alguma resistência para com o cuidador que o tenta reconfortar. Por último, no estilo desorganizado, as crianças exibem emoções contraditórias, em que parecem confusos, apreensivos e hipervigilantes (Wienfield et al.,

2008). Globalmente, as crianças com formas de vinculação inseguras não são capazes de experienciar disponibilidade consistente da sua figura de vinculação, nem do conforto dos mesmos quando algo externamente os ameaça. Aqui as crianças experienciam sentimentos de ansiedade, temendo que nas situações de perigo os cuidadores não estejam disponíveis, ou que as suas respostas sejam insuficientes. Estas situações levam também que as crianças sejam progressivamente incapazes de direcionar comportamentos de vinculação aos cuidadores, apresentando sensações de frustração e desregulação emocional, inerentes ao tratamento insensível (Wienfield et al., 2008). Paralelamente, faz com que a exploração do mundo seja mais reduzida e comprometida, em comparação com o estilo seguro.

É importante notar que a vinculação segura ou a insegura não descrevem apenas os comportamentos manifestados da criança na relação de vinculação. Descrevem também a perceção que a criança apresenta da disponibilidade do cuidador quando surgir a necessidade de conforto e proteção, bem como a organização das respostas da criança para com o cuidador (Wienfield et al., 2008).

Uma questão essencial a realçar é que as diferenças individuais na qualidade da vinculação não são vistas como irremediavelmente patológicas ou não patológicas; a hipótese que se cria é que padrões mais afastados do classificado como seguro, podem representar iniciações a caminhos pertencentes a patológicos (Wienfield et al., 2008). Consequentemente, uma vinculação segura não é garantia de total saúde mental, mas sim um fator protetor.

Outro aspeto relevante a salientar sobre a vinculação é quando se procura descobrir se as experiências iniciais resultantes na formação da vinculação têm repercussões no desenvolvimento a longo prazo. Scaffer (2004) afirma que é preciso ter em consideração dois fatores para perceber essa influência: primeiro, a avaliação inicial

da vinculação pela Situação Estranha poderá não apresentar resultados a longo prazo. Como referido no ponto 1 do presente capítulo, os modelos internos dinâmicos nos quais os comportamentos de vinculação se baseiam, não são seguramente imutáveis, sendo necessário adaptar novas formas para aceder à vinculação, tendo em conta as mudanças ocorridas. O segundo fator centra-se quando é afirmado que a vinculação segura funciona como fator protetor em várias áreas como na interação e aceitação com os pares. Tal afirmação é verdadeira e sustentada cientificamente mas, para Scaffer (2004), é necessário ter em conta que esta associação, especialmente face às funções cognitivas, pode não ser totalmente linear. As possíveis mudanças acima demonstradas e os resultados que têm sido examinados (e.g., independência, autoestima, comportamento antissocial) são igualmente determinados por outras influências externas, sendo necessário tê-las em consideração.

Em suma, a importância da vinculação é notória e representa um dos muitos fatores que contribuem para explicar as diferenças individuais nas trajetórias de adaptação durante a infância e adolescência, principalmente quando combinado com outras áreas e vivências da experiência subjetiva e única de cada um (Bowlby, 1973, 1980).

3. O uso das tecnologias pelas crianças e adolescentes e a sua influência nas relações entre pais e pares

Como constatado ao longo do capítulo 1, as crianças e os adolescentes são um público especialmente atraído para o uso das TIC. São vários os estudos que procuraram perceber como o uso que os mais jovens fazem de todas as tecnologias interfere nas relações entre pais e pares.

Num primeiro estudo composto por 976 adolescentes com 15 anos de idade (Richards, McGee, Williams, Welch & Hancox, 2010), os autores pretenderam estudar a relação entre o uso da televisão e a relação entre pais e pares, utilizando como recolha de

dados o IPPA. Os resultados mostraram que os adolescentes que passam mais tempo a ver televisão apresentaram um maior risco de baixa vinculação aos pais e pares. Para cada hora extra a ver televisão, houve um aumento de 13% no risco de apresentar baixa vinculação aos pais e um aumento de 24% no risco de apresentar baixa vinculação aos pares.

Num segundo estudo conduzido pelos mesmos autores (Richards et al., 2010), fizeram parte da amostra 3043 alunos com idades entre os 14 e 15 anos, e apresentou como objetivo perceber o uso de meios digitais (i.e., televisão, computador e consolas de jogos) e a relação entre pais e pares, utilizando como recolha de dados o IPPA. As conclusões revelaram que, quanto mais tempo despendido a ver televisão, e a usar computador, mais fraca será a vinculação com os pais. Por outro lado, uma maior realização de atividades como leitura, é associado a um aumento da vinculação aos pais. Relativamente ao uso de jogos *online*, esse correlaciona-se com a diminuição da vinculação dos pares.

Um estudo conduzido por Reiner et al. (2017). Os resultados evidenciaram que quanto maior for a vinculação aos pares, menor serão os riscos do uso da *internet*. Face à idade, os riscos do uso da *internet* aumentam com o avançar da idade, sendo maiores nos participantes de sexo masculino. O uso da *internet* para fins sexuais e para jogos foi menor para os participantes com uma forte vinculação aos pares. O uso funcional da *internet* e a vinculação segura aos pares foram positivamente associadas, sendo que o sexo masculino apresenta um maior uso funcional da *internet* em comparação com o sexo feminino. Os autores consideraram que adolescentes com uma vinculação insegura aos pares podem apresentar menores competências sociais. Uma vinculação insegura aos pares pode ser considerada um risco para os problemas na *internet*, enquanto que uma

vinculação segura aos pares poderá ser considerada um fator protetor. Paralelamente, os autores identificaram uma possível forma de redução dos riscos *online*, sendo ela a melhoria da qualidade das relações presenciais entre os pares.

Um estudo conduzido por Milani e colaboradores (2009) com 98 participantes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos apresentou como objetivos verificar a relação entre o uso problemático da *internet*, a qualidade das relações interpessoais e as estratégias cognitivas habitualmente utilizadas pelos adolescentes para enfrentar os problemas quotidianos. Os resultados mostraram que a qualidade das relações interpessoais está negativamente correlacionada com o uso problemático da *internet*, concluindo que os adolescentes que praticam esse uso apresentam menor qualidade nas relações interpessoais. Assim, os autores salientam que, uma baixa qualidade das relações interpessoais pode expor os adolescentes ao aumento do risco de problemas da internet. Por fim, o motivo do uso da *internet* mais mencionado foi relacionado com a possibilidade de socialização com os outros, ao invés de atividades relacionadas com a aprendizagem.

Um estudo de Yen, Yen, Chen, e Chen (2007) a 3662 alunos (2328 do sexo masculino, 1334 do sexo feminino) apresentou como objetivo examinar as diferenças na diversidade de fatores familiares entre os adolescentes com e sem dependência da *internet* e o uso de substâncias. Os resultados demonstraram que os adolescentes com sinais de dependência da *internet* apresentam níveis elevados de conflito com os pais e estes entre eles. Uma das conclusões referidas pelos autores é que a existência de maior conflito entre pais e filhos e o fraco funcionamento familiar podem ser fatores cruciais desencadeadores e preditivos da dependência na *internet*.

Num estudo de Wang et al. (2011), os resultados mostraram que os adolescentes com apresentação de sinais de uso problemático da *internet* associam-se significativamente com determinadas variáveis, sendo elas: relações familiares, comunicação com os pais, satisfação parental, situação financeira, *stress* face ao estudo e relações com os colegas de turma e professores. Os resultados sugerem que os participantes com presença de uso problemático da *internet* são mais propensos a experienciar *stress* face ao estudo, e pobres relações com os professores e colegas de turma. A existência de conflitos familiares e uma situação financeira pobre estão associados a uma grande probabilidade de existência de problemas da *internet*.

Um estudo conduzido por Blais, Craig, Pepler, e Connolly (2008) a 884 adolescentes com idades entre os 14 e 18 anos apresentou como objetivo determinar se o uso da *internet* para as mais diversas atividades, afetará a qualidade dos relacionamentos próximos com adolescentes. Assim, o grande foco do presente estudo foi determinar se diferentes atividades realizadas na *internet* apresentam diferentes impactos nas relações sociais na adolescência, nomeadamente nas amizades mais próximas e relacionamentos amorosos.

Foi analisado a participação em *chats* de conversação *online* com pessoas desconhecidas e trocas de mensagens *online* com amigos pelos adolescentes. As variáveis dependentes do estudo são “alienação e conflito”; “intimidade e companheirismo” e “confiança e comunicação”. Os resultados evidenciaram que os participantes do sexo feminino, que não apresentam a variável “alienação e conflito” e que trocam mensagens *online* predizem um aumento da variável, ou seja, há uma diminuição da qualidade da amizade. Relativamente à variável “intimidade e companheirismo” os participantes do

sexo feminino, que apresentam intimidade e companheirismo, que trocam mensagens *online* e não utilizam chats de conversação *online* prediz um aumento da variável 1 ano mais tarde. Por último, a variável “confiança e comunicação” os resultados mostram que os participantes do sexo feminino, que apresentam a variável e trocam mensagens *online* prediz um aumento da intimidade e confiança 1 ano mais tarde.

Síntese

Neste capítulo foi possível conhecer com mais pormenor a temática da vinculação pela apresentação de conceitos base essenciais à sua compreensão, bem como a caracterização da infância e da adolescência tendo por base a vinculação, nomeadamente relacionada com a vinculação aos pais e aos pares. Foi também possível entender a importância do tema ao longo do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e, por último, foram mencionados estudos relacionando o uso das tecnologias pelos mesmos e as relações com os pais e pares.

A vinculação é uma área inerente ao desenvolvimento de qualquer ser humano e apresenta como função básica a sobrevivência e segurança, ou seja: uma criança procura ajuda quando existe alguma adversidade no ambiente e o esperado é que algum adulto responda positivamente a esse pedido. O desejado é que as respostas dos cuidadores sejam positivas e, assim, as crianças desenvolvam modelos internos dos cuidadores sendo eles acessíveis e disponíveis.

Quando caracterizada a vinculação na infância, uma ideia base a reter refere-se à importância das relações com os pais, sendo estes as principais figuras representativas da vida social das crianças. Tal que poderá ser progressivamente alterado pelo contacto com outros ambientes (e.g., entrada na escola), diminuindo o tempo em contacto com os pais.

Quando caracterizada a vinculação na adolescência foi possível perceber as várias mudanças ocorridas neste período, nomeadamente a mudança de foco nas relações pela

importância cada vez mais significativa dos pares. Não obstante, foi possível perceber que, apesar das mudanças nas relações com os pais, há necessidade de manter uma relação saudável entre ambos, assente na comunicação e no diálogo de forma a ajudar a concretização normativa deste processo complexo e desafiante.

Após o acima mencionado, seria impossível não referir a importância deste construto, como fator de risco e/ou de proteção para o desenvolvimento do sujeito. Assim, é possível entender que as classificações da vinculação poderão fornecer pistas importantes do funcionamento atual dos jovens, não esquecendo a possível necessidade de atualizar essas classificações (muito devido às mudanças que podem acontecer no meio como no próprio sujeito) e das influências externas do ambiente.

Por fim, todos os estudos referidos apresentam resultados que relacionam o uso das tecnologias com as relações entre os pais e os pares. Nomeadamente pelo tempo despendido com as TIC e as consequentes alterações (geralmente negativas) nas relações com os pais e os pares, evidenciando assim a necessidade de existir um equilíbrio entre o tempo gasto nelas e a qualidade e quantidade de tempo envolvido nas relações.

Capítulo III – Estudo Empírico

Introdução

São visíveis as rápidas e constantes mudanças no mundo digital, nomeadamente no crescimento dos meios de tecnologias e a sua omnipresença em qualquer contexto, gerando assim várias consequências e alterações da vida quotidiana de cada um. O público mais jovem, de crianças e adolescentes são dois grandes grupos que acompanham de perto essas mesmas mudanças e atualizações, usando qualquer tipo de equipamento tecnológico com bastante facilidade.

Tendo em conta esta realidade, o presente estudo foi direcionado de forma a conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC, respondendo à seguinte questão: o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC alteram as suas relações com os pais e os pares?

Assim, neste capítulo apresentamos o estudo empírico, o objetivo geral e consequentes objetivos específicos que orientaram toda a execução do presente trabalho, a descrição do método que compreende a caracterização dos participantes, a descrição do material e o procedimento das qualidades psicométricas. Como últimos tópicos a abordar no presente capítulo iremos apresentar os resultados obtidos e a sua discussão.

1. Objetivo de investigação

Tendo em conta a pergunta de partida suprarreferida e a revisão de literatura, o objetivo geral que orientou a presente investigação é o seguinte:

1. Conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC e verificar se existe relação entre a utilização das TIC (em período de aulas, fins-de-semana e férias) e a relação com a mãe e pai e os pares.

Decorrentes do objetivo geral, definimos os seguintes objetivos específicos:

1. Elaborar e estudar as qualidades psicométricas do Inventário de Uso de Tecnologias;
2. Traduzir e estudar as qualidades psicométricas do The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA);
3. Conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC;
4. Verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com a mãe e o pai;
5. Verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com os pares;
6. Verificar se existem diferenças quando se consideram as horas de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), quanto ao grupo etário, ao sexo e ao NSE em tempo de aulas, fins de semana e férias;
7. Verificar se existe relação entre a ligação com a mãe e o pai, considerando a *Vida online*, Supervisão parental e relações interpessoais; Tempo e utilização e Exposição à *internet*;
8. Verificar se existe relação entre a ligação com os pares, considerando a *Vida online*, Supervisão parental e relações interpessoais; Tempo e utilização e Exposição à *internet*.

2. Método

No presente estudo a abordagem a ser utilizada será a investigação quantitativa, correlacional e transversal. Genericamente, o método quantitativo possibilita medir uma determinada realidade (clínica instrumental), tendo como objetivo chegar a resultados e generalizá-los. No presente estudo, a clínica instrumental vai ser utilizada, o que justifica esta abordagem.

2.1. Participantes

Esta investigação incluiu um total de 140 participantes com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, ($M=12,55$, $Dp= 1,633$), 78 (55,7%) do sexo feminino e 62 (44,3%) do sexo masculino. Os participantes são alunos/as de uma escola pública do Grande Porto, de turmas aleatoriamente escolhidas. O único critério de inclusão na amostra foi o intervalo de idade dos participantes (entre os 10 e os 15 anos) por ser a idade definida pelos autores para a administração do IPPA, versão revista.

Após a análise dos dados recolhidos e de forma a facilitar a sua interpretação, a idade dos participantes foi agrupada em dois grupos, dos 10 aos 12 anos ($n = 74$) e dos 13 aos 15 anos ($n = 66$). Os resultados indicam que o sexo feminino do grupo etário entre os 10 e os 12 anos apresentam mais elementos em comparação com o sexo masculino, bem como no grupo dos 13 aos 15 anos. Assim, o total da amostra do sexo feminino é superior à amostra do sexo masculino. A tabela 1 distribui os participantes por sexo e por idade.

Tabela 1.

Distribuição da idade da amostra

Idade	Sexo		Total
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
10-12	39 (27,9%)	35 (25%)	74 (52,9%)
13-15	39 (27,9%)	27 (19,3%)	66 (47,1%)
Total	78 (55,7%)	62 (44,3%)	140 (100%)

Tendo em conta o NSE e o sexo, os resultados indicam que 22 alunos do sexo feminino são do NSE alto, 27 do NSE médio e 13 do NSE baixo. No que diz respeito ao

sexo masculino, 15 alunos do sexo masculino são do NSE alto, 21 do NSE médio e 17 do NSE baixo. A tabela 2 distribui os participantes por NSE e por sexo.

Tabela 2.

Distribuição do sexo da amostra face ao nível socioeconómico

NSE	Sexo		Total
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
Alto	22 (19,1%)	15 (13%)	37 (32,1%)
Médio	27 (23,5%)	21 (18,3%)	48 (41,8%)
Baixo	13 (11,3%)	17 (14,8%)	30 (26,1%)
Total	62 (53,9%)	53 (46,1%)	115 (100%)

Por fim, tendo em conta o NSE e o grupo etário, os resultados indicam que no grupo etário dos 10-12 anos, 23 alunos correspondem ao NSE alto; 22 ao NSE médio e 11 ao NSE baixo. Já no grupo etário dos 13-15 anos, 14 alunos correspondem ao NSE alto; 26 do NSE médio e 19 do NSE baixo. A tabela 3 dispõe os participantes por NSE e por grupo etário.

Tabela 3.

Distribuição do grupo etário da amostra face ao nível socioeconómico

NSE	Grupo etário		Total
	10-12 n (%)	13-15 n (%)	
Alto	23 (20%)	14 (12,2%)	37 (32,2%)
Médio	22 (19,1%)	26 (22,6%)	48 (41,7%)
Baixo	11 (9,6%)	19 (16,5%)	30 (26,1%)
Total	56 (48,7%)	59 (51,3%)	115 (100%)

2.2. Materiais

2.2.1. Questionário Sociodemográfico (QSD)

O questionário sociodemográfico (Anexo 1) é composto por questões de resposta fechada e foi construído com objetivo de recolher informações dos participantes como os dados sociodemográficos (sexo e idade), o nível socioeconómico (NSE) (através dos dois indicadores- habilitações e profissão dos pais) e os antecedentes escolares (retenção e auto avaliação como aluno).

2.2.2. Inventário de Uso de Tecnologias (IUT)

Inventário construído de raiz pela investigadora e orientadora com base na revisão da literatura, em que numa primeira parte as questões colocadas permitem recolher informações sobre a utilização de equipamentos tecnológicos e a sua caracterização (e.g., telemóvel/*smartphone*; *tablet*; computador), sendo que os participantes poderiam mencionar mais que um equipamento tecnológico, e o número de horas que diariamente passam a utilizá-los em tempo de aulas, fins de semana e férias.

Na segunda parte são apresentados 37 itens numa escala do tipo *Likert*, com quatro opções de resposta (Não é verdade; Um pouco verdade; Verdade; e Muito verdade).

Este inventário (Anexo 2), de autorresposta apresenta como objetivo recolher informações sobre o uso que as crianças e adolescentes fazem das tecnologias, recolhendo informações sobre a vida online das crianças e dos adolescentes, a supervisão parental e as relações interpessoais, o tempo despendido e utilização das TIC e a exposição à *internet*. As qualidades psicométricas e a composição final da escala são apresentadas no ponto 3. dos resultados.

2.2.3. Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA)

O Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA) originalmente construído por Armsden e Greenberg (1987), apresenta como finalidade aceder às percepções – positivas e negativas – das crianças e dos adolescentes, relativamente às dimensões afetiva e cognitiva das relações com os pais e os pares e compreender em que grau essas figuras proporcionam segurança psicológica (Armsden e Greenberg 1987). O modelo teórico que fundamenta a sua construção é a teoria da vinculação, inicialmente proposta por Bowlby.

Trata-se de um questionário de autorresposta, com uma escala de resposta tipo *Likert* com cinco opções de resposta: Quase nunca ou Nunca; Não muitas vezes verdade; Às vezes; Muitas vezes; e Quase sempre ou Sempre (Armsden & Greenberg, 1987). Apresenta três dimensões, a saber: Confiança, relacionada com a confiança que os adolescentes apresentam para com os pais e pares na resposta às suas necessidades e desejos; Comunicação, medida pela percepção dos adolescentes face à sensibilidade e resposta aos seus estados emocionais bem como a qualidade e envolvimento na comunicação; e Alienação, referindo-se aos sentimentos de isolamento, raiva e ao desapego experienciado pelos adolescentes com os pais e pares (Armsden & Greenberg 1987).

Para Armsden e Greenberg (1987), os indivíduos que relatam relações significativas com altas pontuações nos domínios de confiança e comunicação e baixas de alienação poderiam ser classificadas como indivíduos com vinculação segura, enquanto aqueles que descreviam as suas relações caracterizadas por fraca confiança e fraca comunicação e altas pontuações de alienação seriam classificados como indivíduos com fraca vinculação.

A amostra base para a sua validação contou com adolescentes dos 16 aos 20 anos, sendo que, na folha de rosto do questionário, o intervalo definido de idades aptas para o seu preenchimento é dos 9 aos 15 anos.

Na versão revista (Armsden, 1986) houve uma separação dos itens, sendo que passou a existir uma escala para a mãe, para o pai e para os amigos, com 25 itens cada. Quanto às qualidades psicométricas, o *alpha* de Cronbach é de 0,87 para a escala da mãe, 0,89 para a escala do pai e 0,92 para a escala dos pares. A atual versão traduzida é encontrada no anexo 3.

2.3. Procedimento

Uma vez escolhido o tema sobre o qual se iria fundamentar a presente investigação, começamos a realizar uma pesquisa bibliográfica com fim a conhecer o estado da arte.

Foi solicitada a autorização ao autor do IPPA para a tradução do mesmo para a língua portuguesa (Anexo 4). Após o parecer positivo do autor, seguiram-se as referidas etapas: tradução realizada por dois psicólogos de língua materna portuguesa; síntese comparativa das traduções, conciliando e discutindo as alterações presentes nas duas versões; retroversão da versão portuguesa para a língua original, realizada por uma terceira pessoa independente do processo anterior; comparação das duas versões e conciliação numa só (Hill & Hill, 2000).

Procedemos também à elaboração do Inventário de Uso de Tecnologias que, pela revisão da literatura, apresenta um total de 37 itens mas, após análise das qualidades psicométricas, foram reduzidos a 35 itens. Acabado o procedimento de construção de itens, foi trabalhado o processo de *layout* e foi aplicado a cinco alunos (que não fizeram parte da amostra), para se proceder à reflexão falada do instrumento e também

cronometrar o tempo médio de preenchimento, com o intuito de fazer possíveis ajustes ao inventário. As idades dos cinco alunos estão compreendidas entre os 10 e os 15 anos. Nenhum dos alunos apresentou dúvidas ou reflexões para alterar qualquer item, não sendo por isso realizada nenhuma modificação e/ou reformulação dos itens.

Para ser dada continuidade à investigação foi necessário apresentar um projeto à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, para obtenção de um parecer para a sua realização.

Após a obtenção de um parecer positivo da Comissão de Ética (Anexo 5) solicitou-se autorização ao Senhor Diretor do Agrupamento de Escolas (Anexo 6) onde pretendíamos desenvolver a investigação. Todos os contactos com os participantes ocorreram em contexto de sala de aula, com os alunos sentados nos seus lugares. O primeiro contacto com os alunos foi realizado em contexto de sala de aula e foi entregue o Consentimento Informado (Anexo 7) para os pais/encarregados de educação acompanhado de uma explicação por escrito dos objetivos do estudo (Anexo 8). Paralelamente foi dada uma explicação oral sobre o projeto e do que iria ser pedido através das suas participações, nomeadamente pelo esclarecimento do anonimato dos resultados, os professores não terão conhecimento dos resultados a nível individual, nem nenhuma outra pessoa para além da investigadora, sendo por isso confidencial; não se tratará de uma avaliação escolar; os participantes poderão desistir a qualquer momento; e os resultados não trarão consigo qualquer prejuízo ou benefício para os participantes. Posteriormente, foi agendada uma data para a entrega de todos os Consentimentos Informados e conseqüente aplicação os questionários a todos os alunos cuja resposta fosse positiva por parte dos pais/encarregados de educação e após os próprios aceitarem participar. Antes da administração dos materiais ocorreu novamente a explicação do

projeto abordando o anteriormente mencionado e o esclarecimento de todas as dúvidas. Os questionários foram entregues de forma aleatória, com a leitura das instruções e coletivamente administrados. O preenchimento dos questionários obedeceu à mesma ordem em todas as turmas, sendo o primeiro o QSD, em segundo o IUT e o terceiro o IPPA. A duração do preenchimento dos questionários foi aproximadamente de 30 minutos, sendo que após a conclusão solicitamos que os questionários fossem colocados à frente de cada mesa, de folhas voltadas para baixo para poderem ser recolhidos todos preenchidos.

Em conclusão, todos os materiais entregues aos participantes foram de caráter anónimo e os dados obtidos confidenciais. Em momento algum os consentimentos informados foram guardados juntos dos questionários recolhidos, sendo isto uma outra forma de garantir o caráter anónimo. Por mim, a análise dos resultados foi realizada pelo tratamento de dados estatísticos pelo programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 25.

3. Resultados

Vamos proceder à apresentação dos resultados.

3.1. Qualidades Psicométricas do Inventário do Uso das Tecnologias (objetivo 1)

Para a execução do objetivo 1, de conhecer as qualidades psicométricas do Inventário de Uso Tecnologias, procedeu-se ao estudo da consistência interna do mesmo e, para isso, calculamos o alfa de Cronbach para a escala total, para as subescalas e a análise fatorial.

3.1.1. Análise Fatorial

Posteriormente, a validade do construto foi realizada pela análise fatorial. A análise fatorial permite-nos conhecer quantos e quais os fatores que o instrumento avalia e os itens que compõem cada um dos fatores avaliados (Almeida & Freire, 2003). O método de extração de fatores utilizado foi o denominado de componentes principais com o método de rotação ortogonal *Varimax*. Assim, os dados foram sujeitos a uma análise fatorial em componentes principais, com a definição de quatro fatores denominados de: Vida Online (VO; 14 itens); Supervisão parental e relações interpessoais (SPRI; 10 itens); Tempo e Utilização (TU; 6 itens); e Exposição à *internet* (EI; 5 itens).

No Fator I, que designamos de *Vida Online*, saturam os itens 3 (O meu desempenho escolar é, de alguma forma, afetado pelo tempo que passo online); item 4 Tenho receio que a vida sem internet seja aborrecida, sem nada para fazer; item 10 Sinto que perco a noção do tempo passar quando estou online; item 13 As minhas horas de sono são, de alguma forma, afetadas pelo tempo que passo online; item 14 Deixo de estar com a minha família ou amigos para ficar online; item 19 Quando não estou online penso nas minhas redes sociais e naquilo que poderia estar a fazer na internet; item 21 Já alguém me disse que era “viciado no telemóvel”; item 23 Vou às redes sociais em antes de fazer alguma outra coisa; item 24 Sinto ansiedade e/ou nervosismo quando não estou online; item 25 A minha alimentação é, de alguma forma, afetada pelo tempo que passo online; item 27 Considero que tenho melhores relações virtuais que pessoalmente; item 31 Quando me perguntam o que faço quando estou online não gosto de responder e/ou fico aborrecido por me perguntarem; item 32 Considero que passo demasiado tempo online e item 35 Os meus pais já discutiram comigo por causa do tempo que passo online.

No Fator II, que designamos de *Supervisão parental e relações interpessoais* saturam os itens 2 Os meus pais sabem de tudo o que faço online; item 7 Os meus pais

preocupam-se com o que faço na *internet*; item 8 Os meus amigos virtuais são da minha idade; item 12 Os meus pais limitam as horas para eu estar online; item 16 Conheço pessoalmente os meus amigos virtuais; item 20 As tecnologias fazem com que as pessoas se afastem fisicamente; item 22 Os meus pais falam comigo sobre os possíveis perigos da *internet*; item 26 Os meus pais têm acesso às contas das minhas redes sociais; item 30 Os meus pais têm acesso ao meu histórico; item 37 Antes de fazer alguma coisa *online* avalio os potenciais perigos e consequências disso.

No Fator III, que designamos de Tempo e Utilização os itens que saturam são o item 5 Os meus pais passam demasiado tempo no telemóvel ou no *tablet* deles; item 9 Prefiro passar mais tempo online do que com outras pessoas (amigos, pais...); item 29 As minhas redes sociais são de perfil público; item 33 Para mim é mais fácil fazer amigos virtualmente; e item 36 Tenho amigos virtuais que nunca conheci pessoalmente.

No Fator IV, que designamos de Exposição à *internet*, saturam no fator o item 6 Os perigos da internet são um assunto real e potencialmente perigoso; item 11 Os meus amigos *online* são meus amigos pessoais e/ou amigos dos meus amigos; item 15 O meu quarto é o sítio preferido para estar *online*; item 18 O sítio onde mais uso equipamentos tecnológicos é na escola; e item 28 O sítio onde mais uso equipamentos tecnológicos é em casa.

Os coeficientes de saturação são bons para todos os itens, dado que apresentam valores superiores a 0,32, valor considerado como o mínimo a aceitar para um coeficiente de saturação (Tabachnick & Fidell, 2007) e apresentam valores superiores a 0,50 para a maioria dos itens.

Relativamente aos valores de comunalidade (h^2), estes são bons para quase metade dos itens, à exceção dos itens 35, 21, 23, 3, 31, 13, 25, 8, 12, 37, 16, 20, 9, 33, 5, 15, 6, 1 e 18, que apresentam valores na ordem dos 0,30 e inferiores, por isso, aos 0,40

considerados aceitáveis (Costello & Osborne, 2005). Tais resultados serão representados na tabela 4.

Tabela 4.

Análise fatorial em fatores comuns e únicos do Inventário de Uso de Tecnologias, após rotação Varimax para a amostra total (N=140)

Item	Fatores				h ²
	I	II	III	IV	
32	,672				,548
24	,630				,500
35	,607				,373
14	,589				,413
21	,581				,364
19	,577				,422
23	,564				,378
3	,559				,329
10	,539				,467
31	,498				,287
27	,486				,411
13	,482				,269
25	,457				,291
4	,434				,405
30		,756			,600
26		,743			,579
2		,715			,564
7		,659			,493
22		,606			,405
8		,416			,224
12		,416			,181
37		,399			,295
16		,328			,253
20		,327			,288

(continua)

Item	Fatores				h ²
	I	II	III	IV	
29			,764		,593
9			,524		,366
36			,505		,402
33			,491		,393
5			,380		,180
28				,668	,507
15				,514	,355
6				,462	,380
11				,451	,410
1				,313	,103
18				-,302	,101
Val. Prop.	6,421	3,088	2,563	1,897	
% Var. Total	13,701	9,817	7,995	6,186	Σ Var 65,68

Nota. h² = comunalidade

3.1.2. Consistência Interna

A escala total apresenta um alfa inicial de 0,69. Apesar do valor do alfa ser considerado de aceitável (Ribeiro, 1999) foram removidos os itens 17 (“Utilizo o meu telemóvel e o meu computador para me ajudarem nos trabalhos da escola.”) e 34 (“As minhas redes sociais são de perfil privado.”), passando o valor do alfa a ser 0,71.

Após a denominação e classificação dos fatores para analisar a sua consistência interna, calculamos o alfa de Cronbach para os 4 fatores. No que diz respeito às subescalas, a que apresenta um maior valor é a escala Vida *online* (F1), com um alfa de 0,85, considerado como muito bom (Freire & Almeida, 2001). Seguidamente é a escala Supervisão parental e relações interpessoais (F2), apresentando um alfa de 0,77 considerado como respeitável (Freire & Almeida, 2001), seguida da escala Tempo e Utilização (F3) com um valor de alfa de 0,64. Por último, a escala Exposição à *internet*

(F4) apresenta um alfa de 0,42 após ser removido o item número 18 (“O sítio onde mais uso equipamentos tecnológicos é na escola”). Na tabela 5, todos estes dados serão representados.

Tabela 5.

Valores do alfa de Cronbach das subescalas do Inventário de Uso de Tecnologias

Subescala	Alpha (α)
Vida <i>online</i> (F1)	0,85
Supervisão parental e relações interpessoais (F2)	0,77
Tempo e Utilização (F3)	0,64
Exposição à <i>internet</i> (F4)	0,42
Escala Total	0,71

3.2. Qualidades psicométricas do The Inventory of Parent and Peer Attachment (objetivo 2)

Face ao objetivo 2 de traduzir e analisar as qualidades psicométricas do The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA), a análise da consistência interna foi efetuada utilizando o alfa de Cronback.

3.2.1. Consistência Interna do The Inventory of Parent and Peer Attachment

Verifica-se que para as subescalas Confiança Mãe, o alfa é de 0,76; Comunicação Mãe é de 0,73; e Alienação Mãe é de 0,73, sendo o total da escala de vinculação à mãe de 0,63 (original 0,87). Para as subescalas Confiança Pai, o alfa é de 0,90; Comunicação Pai é de 0,81; e Alienação Pai é de 0,78, sendo o total da escala de vinculação ao pai de 0,73 (original 0,89). Relativamente às subescalas Confiança Pares, o alfa é de 0,91; Comunicação Pares 0,88; e Alienação Pares 0,69, sendo o total da escala de vinculação

aos pares de 0,82 (original 0,92). A consistência interna das subescalas para a mãe e para o pai variam assim entre muito boas e aceitáveis (Marôco, 2007; Ribeiro 1999). Na tabela 6, são apresentados os resultados suprarreferidos.

Tabela 6.

Valores do alfa de Cronbach das subescalas do Inventory of Parent and Peer Attachment

Subescala	Alfa (α)
Confiança Mãe	0,76
Comunicação Mãe	0,73
Alienação Mãe	0,73
Escala Total Mãe	0,63
Confiança Pai	0,90
Comunicação Pai	0,81
Alienação Pai	0,78
Escala Total Pai	0,73
Confiança Pares	0,91
Comunicação Pares	0,88
Alienação Pares	0,69
Escala Total Pares	0,82

3.2.2. Análise Fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment

A validade do construto foi estudada pela análise fatorial. O método de extração de fatores utilizado foi pelo método de rotação ortogonal *Varimax*. Não foi comparada a presente análise fatorial com a da escala original por não termos acesso à mesma.

3.2.2.1. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala Mãe

Os dados foram sujeitos a uma análise fatorial em componentes principais com a definição de três fatores, a saber: Confiança (CONF; 5 itens); Comunicação (C; 11 itens) e Alienação (A; 9 itens).

No Fator I, que designamos de Comunicação, para a escala da mãe neste fator saturam os itens 19 (A minha mãe ajuda-me a falar sobre as minhas dificuldades), item 20 (A minha mãe entende-me), item 22 (Eu confio na minha mãe), item 24 (Eu posso contar com a minha mãe quando preciso de desabafar), item 25 (Se a minha mãe sabe que algo me incomoda, ela pergunta-me), item 12 (Quando conversamos, a minha mãe interessasse pelo meu ponto de vista), item 21 (Quando estou zangado/a com alguma coisa, a minha mãe tenta ser compreensiva), item 15 (A minha mãe ajuda-me a eu me perceber melhor), item 16 (Conto os meus problemas e dificuldades à minha mãe), item 13 (A minha mãe confia no meu julgamento) e item 7 (A minha mãe consegue perceber quando estou chateado/a com alguma coisa).

No Fator II, que designamos de Alienação, para a escala da mãe neste fator saturam os itens 11 (Fico chateado/a mais vezes do que aquelas que a minha mãe percebe), item 18 (A minha mãe não me dá muita atenção), item 8 (Falar dos meus problemas com a minha mãe faz com que eu me sinta com vergonha), item 17 (Eu sinto-me zangado/a com a minha mãe), item 23 (A minha mãe não entende as coisas pelas quais estou a passar), item 10 (Eu fico facilmente chateado/a quando estou com a minha mãe), item 14 (A minha mãe tem os problemas dela por isso eu não a incomodo com os meus), item 6 (Acho desnecessário mostrar os meus sentimentos à minha mãe) e item 9 (A minha mãe espera demasiado de mim).

No Fator III, que designamos de Confiança, para a escala da mãe neste fator saturam os itens 2 (Eu sinto que a minha mãe faz um bom trabalho enquanto mãe), item 4 (A minha mãe aceita-me como eu sou), item 3 (Eu desejava ter uma mãe diferente), item 1 (A minha mãe respeita os meus sentimentos) e item 5 (Eu gosto de saber o ponto de vista da minha mãe relativamente a coisas que me preocupam). Os resultados da análise fatorial relativos à escala da mãe são mostrados na tabela 7.

Tabela 7.

Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala da mãe (n=140)

Item	Fatores			h ²
	I	II	III	
19 (C)	,818			0,710
20 (CONF)	,751			0,663
24 (C)	,750			0,677
25 (C)	,642			0,488
22 (CONF)	,612			0,482
12 (CONF)	,603			0,561
21 (CONF)	,554			0,460
15 (C)	,549			0,322
16 (C)	,543			0,411
13 (CONF)	,504			0,456
7 (C)	,417			0,198
11 (A)		,630		0,476
18 (A)		,604		0,401
8 (A)		,568		0,408
17 (A)		,563		0,415
23 (A)		,560		0,322
10 (A)		,498		0,391
14 (A)		,441		0,408
6 (C)		,439		0,297

(continua)

Item	Fatores			h ²
	I	II	III	
9 (CONF)		,391		0,153
2 (CONF)			,798	0,720
4 (CONF)			,712	0,591
3 (CONF)			-,593	0,443
1 (CONF)			,422	0,304
5 (C)			,340	0,243
Val. Prop.	7,396	1,895	1,616	
% Var. Total	19,499	12,649	11,479	Σ Var 43,628

Nota. A = Alienação; C = Comunicação; CONF = Confiança.

3.2.2.2. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala do Pai

Novamente os dados foram sujeitos a uma análise fatorial em componentes principais com a definição de três fatores, a saber: Confiança (CONF; 10 itens); Comunicação (C; 6 itens) e Alienação (A; 9 itens).

No Fator I, que designamos de Confiança para a escala do pai neste fator saturam os itens 2 (Eu sinto que o meu pai faz um bom trabalho enquanto pai), item 22 (Eu confio no meu pai), item 1 (O meu pai respeita os meus sentimentos), item 12 (Quando conversamos, o meu pai interessasse pelo meu ponto de vista), item 13 (O meu pai confia no meu julgamento), item 20 (O meu pai entende-me), item 3 (Eu desejava ter um pai diferente), item 21 (Quando estou zangado/a com alguma coisa, o meu pai tenta ser compreensivo), item 5 (Eu gosto de saber o ponto de vista do meu pai relativamente a coisas que me preocupam) e item 24 (Eu posso contar com o meu pai quando preciso de desabafar).

No Fator II, que designamos de Comunicação para a escala do pai neste fator saturam os itens 16 (Conto os meus problemas e dificuldades ao meu pai), item 15 (O

meu pai ajuda-me a eu me perceber melhor), item 19 (O meu pai ajuda-me a falar sobre as minhas dificuldades), item 25 (Se o meu pai sabe que algo me incomoda, ele pergunta-me), item 4 (O meu pai aceita-me como eu sou) e item 7 (O meu pai consegue perceber quando estou chateado com alguma coisa).

No Fator III, que designamos por Alienação, para a escala do pai neste fator saturam os itens 17 (Eu sinto-me zangado/a com o meu pai), item 18 (O meu pai não me dá muita atenção), item 10 (Eu fico facilmente chateado/a quando estou com o meu pai), item 11 (Fico chateado mais vezes do que aquelas que o meu pai percebe), item 14 (O meu pai tem os problemas dele por isso eu não o incomodo com os meus), item 6 (Acho desnecessário mostrar os meus sentimentos ao meu pai), item 8 (Falar dos meus problemas com o meu pai faz com que eu me sinta com vergonha), item 23 (O meu pai não entende as coisas pelas quais estou a passar) e item 9 (O meu pai espera demasiado de mim). Os resultados da análise fatorial relativos à escala do pai são mostrados na tabela 8.

Tabela 8.

Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala do pai (n=134)

Item	Fatores			h ²
	I	II	III	
2 (CONF)	,799			,698
22 (CONF)	,772			,774
1 (CONF)	,755			,740
17 (A)			,319	,664
12 (CONF)	,736			,681
13 (CONF)	,728			,679
20 (CONF)	,667			,706
3 (CONF)	-,648			,527

(continua)

Item	Fatores			h ²
	I	II	III	
21 (CONF)	,628			,657
5 (C)	,586			,359
24 (C)	,528			,596
18 (A)			,460	,478
10 (A)			,477	,489
16 (C)		,807		,676
15 (C)		,734		,623
19 (C)		,658		,577
25 (C)		,617		,465
4 (CONF)		,530		,429
7 (C)		,497		,374
11 (A)			,598	,454
14 (C)			,593	,364
6 (C)			,571	,502
8 (A)			,568	,609
23 (A)			,551	,341
9 (CONF)			,533	,301
Val. Prop.	10,385	1,780	1,597	
% Var. Total	25,707	17,799	11,542	Σ Var 55,048

Nota. A = Alienação; C = Comunicação; CONF = Confiança.

3.2.2.3. Análise fatorial do The Inventory of Parent and Peer Attachment – escala dos Pares

Mais uma vez os dados foram sujeitos a uma análise fatorial em componentes principais com a definição de três fatores, a saber: Confiança (CONF; 6 itens); Comunicação (C; 12 itens) e Alienação (A; 7 itens).

No Fator I, que designamos de Confiança para a escala dos pares neste fator saturam os itens 12 (Os meus amigos ouvem o que eu tenho para dizer), item 21 (Os meus amigos respeitam os meus sentimentos), item 8 (Os meus amigos aceitam-me como sou),

item 20 (Eu confio nos meus amigos), item 12 (Os meus amigos ouvem o que eu tenho para dizer) e item 6 (Os meus amigos compreendem-me).

No Fator II, que designamos de Comunicação para a escala dos pares neste fator saturam os itens 2 (Os meus amigos conseguem perceber quando estou chateado/a com alguma coisa), item 1 (Gosto de saber o ponto de vista do meu amigo relativamente a coisas que me preocupam), item 7 (Os meus amigos encorajam-me a falar sobre as minhas dificuldades), item 16 (Os meus amigos ajudam-me a perceber melhor), item 25 (Se os meus amigos sabem que algo me incomoda, eles perguntam-me), item 17 (Os meus amigos preocupam-se como eu me sinto), item 15 (Quando estou chateado com alguma coisa, os meus amigos tentam ser compreensivos), item 19 (Posso contar com os meus amigos quando preciso de desabafar), item 3 (Quando conversamos, os meus amigos interessam-se pelo meu ponto de vista), item 24 (Posso contar os meus problemas e dificuldades aos meus amigos), item 14 (É fácil conversar com os meus amigos) e item 9 (Sinto necessidade de estar em contato com os meus amigos com mais frequência).

No Fator III, que designamos por Alienação, para a escala dos pares neste fator saturam os itens 5 (Eu desejava ter diferentes amigos), item 23 (Parece como que os meus amigos estão irritados comigo sem qualquer razão), item 10 (Os meus amigos não entendem as coisas pelas quais estou a passar), item 22 (Fico chateado mais vezes do que aquelas que os meus amigos percebem), item 4 (Falar dos meus problemas com os meus amigos faz-me sentir com vergonha), item 11 (Eu sinto-me sozinha/o ou posto à parte quando estou com os meus amigos) e item 18 (Sinto-me zangado/a com os meus amigos). Os resultados da análise fatorial relativos à escala do pai são mostrados na tabela 9.

Tabela 9.

Análise e fatores comuns e únicos do Inventory of Parent and Peer Attachment, após rotação Varimax, para a escala dos pares (n=140)

Item	Fatores			h^2
	I	II	III	
13 (C)	,732			,692
21 (CONF)	,731			,700
8 (CONF)	,710			,607
5 (CONF)			,351	,559
20 (CONF)	,644			,559
12 (CONF)	,610			,444
6 (CONF)	,558			,488
23 (A)			,537	,597
2 (C)		,701		,539
1 (C)		,682		,484
7 (C)		,615		,436
16 (C)		,611		,633
25 (C)		,581		,469
17 (C)		,580		,657
15 (CONF)		,575		,656
19 (CONF)		,569		,577
3 (C)		,562		,580
24 (C)		,507		,538
14 (CONF)		,506		,492
9 (A)		,489		,245
10 (A)			,710	,505
22 (A)			,658	,497
4 (A)			,630	,552
11 (A)			,573	,522
18 (A)			,548	,600
Val. Prop.	10,11	2,20	1,29	
% Var. Total	23,45	20,26	10,72	Σ Var 54,43

Nota. A = Alienação; C = Comunicação; CONF = Confiança.

3.2.3. Uso das TIC (objetivo 3)

Para a realização do objetivo número 3, de conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem TIC foi perguntado aos participantes quais os equipamentos utilizados, sendo referido a possibilidade de mencionar mais do que um equipamento. Assim, os resultados indicam que o telemóvel é o mais utilizado pelos dois grupos de idades, sendo que apenas um sujeito do sexo masculino, entre os 13 e os 15 anos não o utiliza. Seguidamente o computador é mais utilizado pelo sexo feminino do grupo dos 13 a 15 anos, seguido do grupo masculino entre os 10 e os 12 anos. A sua menor utilização é efetuada pelo grupo masculino, com idades entre os 13 e os 15 anos. Por fim, o *tablet* é o menos utilizado por todos os participantes. O sexo feminino entre os 13 e os 15 anos é quem menos o utiliza, e o seu maior uso é feito pelo sexo feminino entre os 10 e os 12 anos, seguido do sexo masculino no mesmo intervalo etário. Na tabela 10 todos estes resultados encontram-se evidenciados.

Tabela 10.

Distribuição do uso de equipamentos tecnológicos por grupo etário e sexo

Equipamentos tecnológicos	Idade	Feminino		Masculino	
		n (%)		n (%)	
		Sim	Não	Sim	Não
Telemóvel	10-12	39 (28,1%)	-	35 (25,2%)	-
	13-15	39 (28,1%)	-	26 (18,7%)	1
	Total	78 (56,1%)	-	61 (43,9%)	1 (100%)
Computador	10-12	29 (25,2%)	10 (40%)	30 (26,1%)	5 (20%)
	13-15	33 (28,7%)	6 (24%)	23 (20%)	4 (16%)
	Total	62 (53,9%)	16 (64%)	53 (46,1%)	9 (36%)
Tablet	10-12	20 (35,1%)	19 (22,9%)	15 (26,3%)	20 (24,1%)
	13-15	11 (19,3%)	28 (33,7%)	11 (19,3%)	16 (19,3%)
	Total	31 (54,4%)	47 (56,6%)	26 (45,6%)	36 (43,4%)

3.2.3.1. Considerando a idade

Quando considerado a idade, os resultados mostram que em período de aulas a faixa etária dos 10 aos 12 anos usa mais entre 0 e 1 hora (47 alunos). Já entre 2 e 4 horas o intervalo de idades que mais as utiliza é o de 13 a 15 anos (48 alunos). Em horas de fim de semana, o grupo dos 10 aos 12 anos usa mais durante 2 a 4 horas (32 alunos), seguido das 8 às 20 (21 alunos). Já o grupo dos 13 aos 15 utiliza mais entre as 5 e 7 horas (23 alunos) e 8 a 20 (23 alunos). Por fim, em horas de férias, ambos os grupos de 10 aos 12 e 13 aos 15 anos, utilizam mais as TIC entre 8 a 24 horas (47 e 41 respetivamente). A distribuição das horas face ao grupo etário encontra-se demonstrada na tabela 11.

Tabela 11.

Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias face ao grupo etário

Idade	Horas aulas				Total
	0 - 1	2 - 4	5 - 7	8 - 12	
10 – 12	47 (34,1%)	25 (18,1%)	-	-	72 (52,2%)
13 – 15	18 (13%)	48 (34,8%)	-	-	66 (47,8%)
Total	65 (47,1%)	73 (52,9%)	-	-	138 (100%)
	Horas fins de semana				
	0 - 1	2 - 4	5 - 7	8 - 20	
10 – 12	8 (5,8%)	32 (23,2%)	11 (8%)	21 (15,2%)	72 (52,2%)
13 – 15	2 (1,4%)	18 (13,0%)	23 (16,7%)	23 (16,7%)	66 (47,8%)
Total	10 (7,2%)	50 (36,2%)	34 (24,6%)	44 (31,9%)	138 (100%)
	Horas férias				
	0 - 1	2 - 4	5 - 7	8 ou mais	
10 – 12	3 (2,2%)	9 (6,5%)	13 (9,4%)	47 (34,1%)	72 (52,2%)
13 – 15	1 (0,7%)	5 (3,6%)	19 (13,8%)	41 (29,7%)	66 (47,8%)
Total	4 (2,9%)	14 (10,1%)	32 (23,2%)	88 (63,8%)	138 (100%)

3.2.3.2. Considerando o sexo

Tendo em conta o sexo, os resultados (tabela 12) demonstram que em período de aulas é o sexo feminino quem utiliza mais as TIC nos intervalos de 0 a 1 (38 sujeitos) e 2 a 4 horas (39 sujeitos), em comparação ao sexo masculino. Relativamente às horas despendidas em período de fim de semana, o sexo feminino despende mais tempo nas TIC em todos os intervalos de horas, à exceção do intervalo de 8 a 20 horas. Por último, em período de férias, o sexo feminino utiliza as TIC por mais horas nos intervalos de 0 a 1 hora (4 sujeitos), de 2 a 4 horas (9 sujeitos) e 5 a 7 horas (23 sujeitos). No intervalo de tempo entre as 8 e 24 horas o sexo masculino é quem mais utiliza as TIC (27 sujeitos).

Tabela 12.

Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias face ao sexo

	Horas	Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
Aulas	0 - 1 hora	38 (27,5%)	27 (19,6%)	65 (47,1%)
	2 - 4 horas	39 (28,3%)	34 (24,6%)	73 (52,9%)
	5 - 7 horas	-	-	-
	8 - 12 horas	-	-	-
Total		77 (55,8%)	61 (44,2%)	138 (100%)
Fim de semana	0 - 1 hora	7 (5,1%)	3 (2,2%)	10 (7,3%)
	2 - 4 horas	33 (23,9%)	17 (12,3%)	50 (36,2%)
	5 - 7 horas	20 (14,5%)	14 (10,1%)	34 (24,6%)
	8 - 20 horas	17 (12,3%)	27 (19,6%)	44 (31,9%)
Total		77 (55,8%)	61 (44,2%)	138 (100%)
Férias	0 - 1 hora	4 (2,9%)	-	4 (2,9%)
	2 - 4 horas	9 (6,5%)	5 (3,6%)	14 (10,1%)
	5 - 7 horas	23 (16,7%)	9 (6,5%)	32 (23,2%)
	8 ou mais	41 (29,7%)	47 (34,1%)	88 (63,8%)
Total		77 (55,8%)	61 (44,2%)	138 (100%)

3.2.3.3. Considerando o NSE

Tendo em conta do número de utilização das TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias e o NSE, os resultados mostram que nos intervalos de 0 a 1 e 2 a 4 horas é o NSE médio que mais tempo utiliza as TIC em tempo de aulas (23 e 15 respetivamente). Relativamente ao fim de semana, entre 0 a 1 hora quem despende mais tempo é o NSE médio (4 participantes); de 2 a 4 horas é o NSE alto (17 participantes); de 5 a 7 horas é o NSE médio (14 participantes); e de 8 a 20 horas o NSE baixo (18 participantes). Em período de férias, de 0 a 1 hora o NSE alto e médio apresentam o mesmo número (1 participante) bem como nos intervalos de 2 a 4 horas (4 participantes) e 5 e 7 horas (12 participantes); no intervalo de 8 a 24 horas o NSE médio é o que apresenta mais horas nas TIC (31 participantes). Na tabela 13 é apresentado com detalhe a distribuição das horas tendo em conta o NSE.

Tabela 13.

Distribuição das horas de uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em períodos de aulas, fins de semana e férias face ao nível socioeconómico

	Horas	Nível socioeconómico			Total
		Alto	Médio	Baixo	
Aulas	0 - 1 hora	17 (14,9%)	23 (20,2%)	7 (6,1%)	47 (41,2%)
	2 - 4 horas	19 (16,7%)	25 (21,9%)	23 (20,2%)	67 (58,8%)
	5 - 7 horas	-	-	-	-
	8 - 12 horas	-	-	-	-
Total		36 (31,6%)	48 (42,1%)	30 (26,3%)	114 (100%)
Fim de semana	0 - 1 hora	1 (0,9%)	4 (3,5%)	-	5 (4,4%)
	2 - 4 horas	17 (14,9%)	14 (12,3%)	7 (6,1%)	38 (33,3%)
	5 - 7 horas	13 (11,4%)	14 (12,3%)	5 (4,4%)	32 (28,1%)
	8 - 20 horas	5 (4,4%)	16 (14%)	18 (15,8%)	39 (34,2%)
Total		36 (31,6%)	48 (42,1%)	30 (26,3%)	114 (100%)

(continua)

	Horas	Nível socioeconómico			Total
		Alto	Médio	Baixo	
Férias	0 - 1 hora	1 (0,9%)	1 (0,9%)	-	2 (1,8%)
	2 - 4 horas	4 (3,5%)	4 (3,5%)	3 (2,6%)	11 (9,6%)
	5 - 7 horas	12 (10,5%)	12 (10,5%)	5 (4,4%)	29 (25,4%)
	8 ou mais	19 (16,7%)	31 (27,2%)	22 (19,3%)	72 (63,2%)
Total		36 (31,6%)	48 (42,1%)	30 (26,3%)	114 (100%)

3.2.3.4. Uso das TIC tendo em conta o Inventário de Uso de Tecnologias tendo em conta o sexo

Adicionalmente, para conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC foram analisados os seguintes itens do Inventário de Uso de Tecnologias: item 1 (Na escola tenho acesso livre à *internet*), item 3 (O meu desempenho escolar é, de alguma forma, afetado pelo tempo que passo *online*), item 9 (Prefiro passar mais tempo online do que com outras pessoas (amigos, pais...)), item 10 (Sinto que perco a noção do tempo passar quando estou online), item 13 (As minhas horas de sono são, de alguma forma, afetadas pelo tempo que passo online), item 15 (O meu quarto é o sítio preferido para estar online), item 18 (O sítio onde mais uso equipamentos tecnológicos é na escola), item 21 (Já alguém me disse que era “viciado no telemóvel”), item 23 (Vou às redes sociais em antes de fazer alguma outra coisa), item 25 (A minha alimentação é, de alguma forma, afetada pelo tempo que passo online), item 28 (O sítio onde mais uso equipamentos tecnológicos é em casa), item 32 (Considero que passo demasiado tempo *online*) e item 37 (Antes de fazer alguma coisa *online* avalio os potenciais perigos e consequências disso). Todos os itens foram analisados tendo em conta o sexo e o grupo etário. As iniciais quatro opções de respostas foram agrupadas em duas, sendo elas “Não Verdade” e “Verdade” de forma a facilitar conhecer o uso realizado pelos inquiridos dado o elevado

número de itens que temos de considerar e a distribuição das respostas ser mais frequente nestas duas opções de resposta.

Assim, face ao sexo, os resultados relativos ao acesso livre à *internet* na escola (item 1) 91,9% do sexo masculino e 88,5% do sexo feminino dizem ser verdade. O que concerne ao desempenho escolar afetado pelo tempo passado *online* (item 3), 58,1% do sexo masculino e 55,1% do sexo feminino dizem ser verdade. Relativamente à preferência em passar mais tempo *online* do que com amigos ou pais (item 9), 65,4% do sexo masculino e 54,8% do sexo feminino dizem não ser verdade. Face ao sentimento de perda de noção do tempo aquando *online* (item 10) 93,5% do sexo masculino e 91% do sexo feminino dizem ser verdade. No que diz respeito à alteração do sono pelo tempo passado *online* (item 13), 53,2% dos participantes do sexo masculino diz ser verdade, enquanto que o sexo feminino 50% diz ser verdade e os restantes outros 50% diz não ser verdade. O define o quarto como sítio favorito para estar *online* (item 15), 80,6% do sexo masculino e 78,2% do sexo feminino dizem ser verdade. No que concerne à escola como sendo o sítio favorito para estar *online* (item 18), 80,6% do sexo masculino e 67,9% dizem não ser verdade. Relativamente a “ser viciado no telemóvel” (item 21), 74,2% do sexo masculino e 70,5% do sexo feminino dizem ser verdade alguém tê-lo dito. No que concerne a ir às redes sociais em antes de mais nada (item 23), 62,8% dos participantes do sexo masculino e 58,1% do sexo feminino dizem ser verdade. No que diz respeito à alteração da alimentação pelo tempo passado *online* (item 25), 89,7% do sexo feminino e 74,3% do sexo masculino dizem ser verdade. Relativamente à casa como sendo o sítio favorito para estar *online* (item 28), a totalidade dos participantes do sexo masculino (100%) e 96,3% do sexo feminino dizem ser verdade. No que diz respeito ao próprio considerar passar demasiado tempo *online* (item 32), 76,9% do sexo feminino e 72,6% do sexo masculino dizem ser verdade. Por último, avaliar os potenciais perigos e

consequências antes de fazer alguma coisa *online* (item 37), 87,2% do sexo feminino e 79% do sexo masculino dizem ser verdade. Na tabela 14 são apresentados detalhadamente os resultados.

Tabela 14.

Distribuição do uso das tecnologias pela análise de itens do Inventário de Uso de Tecnologias face ao sexo

Item	Uso	Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
1	Não Verdade	9 (11,5%)	5 (8,1%)	14
	Verdade	69 (88,5%)	57 (91,9%)	126
	Total	78	62	140
3	Não Verdade	35 (44,9%)	26 (41,9%)	61
	Verdade	43 (55,1%)	36 (58,1%)	79
	Total	78	62	140
9	Não Verdade	51 (65,4%)	34 (54,8%)	85
	Verdade	27 (34,6%)	28 (45,2%)	55
	Total	78	62	140
10	Não Verdade	7 (9%)	4 (6,5%)	11
	Verdade	71 (91%)	58 (93,5%)	129
	Total	78	62	140
13	Não Verdade	39 (50%)	29 (46,8%)	68
	Verdade	39 (50%)	33 (53,2%)	72
	Total	78	62	140
15	Não Verdade	17 (21,8%)	12 (19,4%)	29
	Verdade	61 (78,2%)	50 (80,6%)	111
	Total	78	62	140
18	Não Verdade	53 (67,9%)	50 (80,6%)	103
	Verdade	25 (32,1%)	12 (19,4%)	37
	Total	78	62	140
21	Não Verdade	23 (29,5%)	16 (25,8%)	39
	Verdade	55 (70,5%)	46 (74,2%)	101
	Total	78	62	140
23	Não Verdade	29 (37,2%)	26 (41,9%)	55
	Verdade	49 (62,8%)	36 (58,1%)	85
	Total	78	62	140
25	Não Verdade	70 (89,7%)	46 (74,3%)	116
	Verdade	8 (10,3%)	16 (25,8%)	24
	Total	78	62	140
28	Não Verdade	5 (6,4%)	0	5
	Verdade	73 (96,3%)	62 (100%)	135
	Total	78	62	

(continua)

Item	Uso	Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
32	Não Verdade	18 (23,1%)	17 (27,4%)	35
	Verdade	60 (76,9%)	45 (72,6%)	105
	Total	78	62	140
37	Não Verdade	10 (12,8%)	13 (21%)	23
	Verdade	68 (87,2%)	49 (79%)	117
	Total	78	62	140

3.2.3.5. Uso das TIC tendo em conta o Inventário de Uso de Tecnologias tendo em conta o grupo etário

Os resultados relativos ao acesso livre à *internet* na escola (item 1), indicam que os intervalos de idade 10-12 (83,8%) e 13-15 (97%) dizem ser verdade. Relativamente ao desempenho escolar afetado pelo tempo passado *online* (item 3), ambos os intervalos de idade (10-12 com uma percentagem de 54,1; e 13-15 com uma percentagem de 59,1%) dizem não ser verdade. Face à preferência em passar mais tempo *online* do que com amigos ou pais (item 9), as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (51,4%) e dos 13 os 15 anos (71,2%) dizem não ser verdade. No que diz respeito ao sentimento de perda de noção do tempo aquando *online* (item 10) os intervalos de idade 10-12 (93,2%) e 13-15 (90,9%) dizem ser verdade. No que diz respeito à alteração do sono pelo tempo passado *online* (item 13), o intervalo de idade 10-12 (55,4%) diz ser verdade e o intervalo de idade 13-15 (53%) diz não ser verdade. Tendo em conta o quarto como sítio favorito para estar *online* (item 15), as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (75,7%) e dos 13 aos 15 anos (83,3%) dizem ser verdade. No que concerne à escola como sendo o sítio favorito para estar *online* (item 18), os intervalos de idade 10-12 (79,7%) e 13-15 (66,7%) dizem não ser verdade. Relativamente a “ser viciado no telemóvel” (item 21), as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (73%) e dos 13 aos 15 anos (71,2%) dizem ser verdade. No que respeita a ir às redes sociais em antes de mais nada (item 23), as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (59,5%) e dos 13 aos 15 anos (62,1%) dizem ser verdade. No que se refere à alteração da

alimentação pelo tempo passado *online* (item 25), os intervalos de idades 10-12 (83,8%) e 13-15 (81,8%) dizem não ser verdade. Relativamente à casa como sendo o sítio favorito para estar *online* (item 28), os intervalos de idades 10-12 (97,3%) e 13-15 (95,5%) dizem ser verdade. No que diz respeito ao próprio considerar passar demasiado tempo *online* (item 32), as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (77%) e dos 13 aos 15 anos (72,7%) dizem ser verdade. Finalmente, avaliar os potenciais perigos e consequências antes de fazer alguma coisa *online* (item 37) as faixas etárias dos 10 aos 12 anos (81,1%) e dos 13 aos 15 anos (86,4%) dizem ser verdade. Os presentes resultados serão evidenciados na tabela 15.

Tabela 15.

Distribuição do uso das tecnologias pela análise de itens do Inventário de Uso de Tecnologias face ao grupo etário

Item	Uso	Grupo etário		Total
		10-12	13-15	
1	Não Verdade	12 (16,2%)	2 (3%)	74
	Verdade	62 (83,8%)	64 (97%)	
Total		74	66	140
3	Não Verdade	34 (45,9%)	27 (40,9%)	74
	Verdade	40 (54,1%)	39 (59,1%)	
Total		74	66	140
9	Não Verdade	38 (51,4%)	47 (71,2%)	74
	Verdade	36 (48,6%)	19 (28,8%)	
Total		74	66	140
10	Não Verdade	5 (6,8%)	6 (9,1%)	74
	Verdade	69 (93,2%)	60 (90,9%)	
Total		74	66	140
13	Não Verdade	33 (44,6%)	35 (53%)	74
	Verdade	41 (55,4%)	31 (47%)	
Total		74	66	140
15	Não Verdade	18 (24,3%)	11 (16,7%)	74
	Verdade	56 (75,7%)	55 (83,3%)	
Total		74	66	140
18	Não Verdade	59 (79,7%)	44 (66,7%)	74
	Verdade	15 (20,3%)	22 (33,3%)	
Total		74	66	140

(continua)

Item	Uso	Grupo etário		Total
		10-12	13-15	
21	Não Verdade	20 (27%)	19 (28,8%)	
	Verdade	54 (73%)	47 (71,2%)	
	Total	74	66	140
23	Não Verdade	30 (40,5%)	25 (37,9%)	
	Verdade	44 (59,5%)	41 (62,1%)	
	Total	74	66	140
25	Não Verdade	62 (83,8%)	54 (81,8%)	
	Verdade	12 (16,2%)	12 (18,2%)	
	Total	74	66	140
28	Não Verdade	2 (2,7%)	3 (4,5%)	
	Verdade	72 (97,3%)	63 (95,5%)	
	Total	74	66	140
32	Não Verdade	17 (23%)	18 (27,3%)	
	Verdade	57 (77%)	48 (72,7%)	
	Total	74	66	140
37	Não Verdade	14 (18,9%)	9 (13,6%)	
	Verdade	60 (81,1%)	57 (86,4%)	
	Total	74	66	140

3.2.4. Horas e a relação com a mãe e o pai (objetivo 4)

Para a execução do objetivo 4, de verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com a mãe e o pai através das três dimensões obtidas pelo IPPA (i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) recorremos ao Coeficiente de correlação R de Pearson.

Existem correlações estatisticamente significativas negativas entre as horas de utilização das TIC em tempo de férias e a dimensão Confiança mãe ($r = -,261$, $p = ,002$). Assim, quanto maior o número horas de utilização das TIC em período de férias, menor a Confiança mãe. Não existem diferenças significativas entre a dimensão Confiança pai e o número de horas de utilização das TIC nas férias ($r = -,165$, $p = ,059$). Na dimensão Comunicação, também o maior número de horas de utilização das TIC em tempo de férias, apresenta correlações estatisticamente significativas negativas com a Comunicação mãe ($r = -,258$, $p = ,002$) e a Comunicação pai ($r = -,232$, $p = ,007$). Isto

é, as mais horas despendidas nas TIC no período de férias, está associado a menor Comunicação com a mãe e com o pai. Por fim, na dimensão Alienação, há uma correlação positiva significativa entre o maior número de horas nas TIC em tempo de férias e a Alienação mãe ($r = ,283$, $p = ,001$) e do pai ($r = ,219$, $p = ,011$). Isto significa que, mais horas de utilização das TIC em período de férias, maior a Alienação mãe e pai.

3.2.5. Horas e a relação com os pares (objetivo 5)

Para a realização do objetivo 5, de verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com os pares através das três dimensões obtidas pelo IPPA (i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) recorreremos ao Coeficiente de correlação R de *Pearson*.

Existem correlações estatisticamente significativas positivas entre o maior número de horas de utilização das TIC em tempo de aulas e de férias com a dimensão Alienação ($r = ,220$, $p = ,010$) e ($r = ,224$, $p = ,008$). Estes resultados significam que, quantas mais horas despendidas nas TIC em períodos de aulas e férias, maior a Alienação pares. Quanto às dimensões Confiança e Comunicação, não existem correlações estatisticamente significativas com as horas despendidas nas TIC em períodos de aulas (Confiança $r = ,107$, $p = ,211$; Comunicação $r = ,041$, $p = ,636$) fins-de-semana (Confiança $r = ,086$, $p = ,314$; Comunicação $r = ,035$, $p = ,686$) e férias (Confiança $r = -,127$, $p = ,138$; Comunicação $r = -,167$, $p = ,051$).

3.2.6. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o grupo etário (objetivo 6)

Para a execução do objetivo 6, de verificar se existem diferenças quando se consideram as horas de utilização das TIC, o grupo etário, o sexo, e o NSE em tempo de aulas, fins de semana e férias, os resultados indicam diferenças significativas entre o

número de horas de utilização das TIC em tempo de aulas e fins de semana, ambos em função do grupo etário dos 13 aos 15 anos. Em período de férias, não existem diferenças significativas. Na tabela 16 são evidenciados detalhadamente os resultados.

Tabela 16.

Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para o grupo etário em relação às horas de utilização das TIC em tempo de aulas, fins de semana e de férias

Horas	Idade		t (138)	p
	10-12 anos (n= 72) M (DP)	13-15 anos (n= 66) M (DP)		
Aulas	1,49(0,767)	2,15(1,011)	- 4,331	0,000*
Fins de Semana	2,63(1,027)	3,02(0,859)	-2,438	0,016*
Férias	3,44(0,870)	3,51(0,691)	-0,559	0,577

*p < 0,05

3.2.6.1. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o sexo

Para verificar se existem diferenças quando se consideram as horas de utilização das TIC e o sexo, em tempo de aulas, fins de semana e férias, há diferenças significativas entre o número de horas de utilização das TIC aos fins de semana e nas férias, a favor do sexo masculino. Em tempo de aulas não existem diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino quanto ao número de horas de utilização das TIC. Os presentes resultados são mostrados na tabela 17.

Tabela 17.

Apresentação dos resultados relativos ao Teste T quanto às horas de utilização das TIC e o sexo em tempo de aulas, fins de semana e férias

Horas	Sexo		<i>t</i> (136)	<i>p</i>
	F (n= 77) <i>M (Dp)</i>	M (n= 61) <i>M (Dp)</i>		
Aulas	1,77(0,941)	1,85(0,963)	- 0,489	0,625
Fins de Semana	2,61(0,934)	3,07(0,954)	- 2,847	0,005*
Férias	3,32(0,868)	3,69(0,620)	- 2,831	0,004*

**p* < 0,05

3.2.6.2. Diferenças nas horas de utilização das TIC tendo em conta o NSE

Para verificar se existem diferenças quando se consideram as horas de utilização das TIC e o NSE, em tempo de aulas, fins de semana e férias os resultados demonstram diferenças significativas ao nível das horas de utilização das TIC em tempo fim de semana mas não em tempo de férias nem de aulas. Essas diferenças são a favor do NSE baixo, como se pode ver na Tabela 18.

Tabela 18.

Apresentação dos resultados relativos à análise de variância (ANOVA) tendo em consideração o número de horas de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação e o Nível Socioeconómico em tempo de aulas, fins de semana e férias

Nº de horas	Nível socioeconómico			<i>f</i>	<i>p</i>
	Alto (n=36) <i>M (dp)</i>	Médio (n=48) <i>M (dp)</i>	Baixo (n=30) <i>M (dp)</i>		
Aulas	1,52 (0,683)	1,52 (0,928)	1,7 (1,104)	2,751	0,068

(continua)

Nº de horas	Nível socioeconómico			<i>f</i>	<i>p</i>
	Alto	Médio	Baixo		
	(n=36) <i>M (dp)</i>	(n=48) <i>M (dp)</i>	(n=30) <i>M (dp)</i>		
Fins de semana	2,61(0,766)	2,88(0,981)	3,37(0,851)	6,087	0,003*
Férias	3,36 (0,774)	3,520(6,744)	3,63(0,669)	1,131	0,326

* $p < 0,05$

O *post hoc Scheffé* mostra que existem diferenças significativas no NSE baixo em relação ao alto, em tempo de fim de semana, a favor do NSE baixo (Tabela 19).

Tabela 19.

Apresentação dos resultados relativos à Post hos Scheffé

Horas	Nível Socioeconómico
	Baixo vs. Alto
Fim de semana	*

* $p < 0,05$

3.2.7. Relação entre a ligação com a mãe e com o pai e as Tecnologias de Informação e Comunicação (objetivo 7)

3.2.7.1. Mãe

Para executar o objetivo 7, de verificar se existe relação entre a ligação com a mãe, considerando a Vida *online*, Exposição à *internet*, Tempo e utilização e Supervisão parental e relações interpessoais, foram utilizadas as três dimensões do IPPA (i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) para auxiliar os resultados.

Os resultados indicam que existem correlações significativas negativas entre o fator *Vida online* e a Confiança e Comunicação Mãe. Já a Alienação Mãe é correlacionada positivamente com o fator *Vida online*.

Paralelamente são encontradas correlações significativas negativas entre o fator Tempo e utilização das TIC e a Confiança e Comunicação Mãe. Já a Alienação Mãe é correlacionada positivamente com o fator Tempo e utilização.

Seguidamente são encontradas correlações significativas positivas entre o fator Exposição à *internet* e a alienação mãe.

Por último, o fator Supervisão parental e relações interpessoais é correlacionado positivamente com a Confiança e Comunicação Mãe, e negativamente com a Alienação mãe. Estes resultados são demonstrados na tabela 20.

Tabela 20.

Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment mãe

Fatores	Confiança Mãe	Comunicação Mãe	Alienação Mãe
<i>Vida online</i>	-,464**	-,334**	,375**
Tempo e utilização	-,317**	-,317**	,197*
Exposição à <i>internet</i>	-	-	,208 *
Supervisão parental e relações interpessoais	,195*	,347**	-,206*

*p < 0,05

**p < 0,01

3.2.7.2. Pai

Para verificar se existe relação entre a ligação com o pai, considerando a vida *online*, exposição à *internet*, local de uso das TIC e supervisão parental e relações

interpessoais, foram utilizadas as três dimensões do IPPA (i.e., Confiança Comunicação e Alienação) para auxiliar os resultados.

Os resultados demonstram a existência de correlações significativas negativas entre o fator *Vida online* e a Confiança e Comunicação Pai. Já a Alienação Pai é correlacionada positivamente com o fator *Vida online*.

Paralelamente são encontradas correlações significativas negativas entre o fator Tempo e utilização das TIC e a Confiança e Comunicação Pai. A dimensão Alienação Pai é correlacionada positivamente com o fator Tempo e utilização.

Por último, os resultados indicam a existência de uma correlação significativa positiva do fator Supervisão pais e relações interpessoais e a Comunicação Pai. Estes resultados são demonstrados na tabela 21.

Tabela 21.

Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment pai

Fatores	Confiança Pai	Comunicação Pai	Alienação Pai
<i>Vida online</i>	-,193*	-,269**	,330**
Tempo e utilização das TIC	-,203*	-,246**	,293**
Supervisão pais e relações interpessoais	-	,216*	-

*p < 0,05

**p < 0,01

3.2.8. Relação entre a ligação aos pares e as Tecnologias de Informação e Comunicação (objetivo 8)

Para executar o objetivo 8, de verificar se existe relação entre a ligação com os pares, considerando a vida *online*, exposição à *internet*, local de uso das TIC e supervisão

parental e relações interpessoais, foram utilizadas as três dimensões do IPPA (i.e., Confiança Comunicação e Alienação) para auxiliar os resultados.

Os resultados demonstram a existência de correlações significativas negativas entre o fator Vida *online* e a Confiança e Comunicação Pares. Já a Alienação Pares é correlacionada positivamente com o fator Vida *online*.

Paralelamente são encontradas correlações significativas negativas entre o fator Tempo e utilização das TIC e a Confiança e Comunicação Pares. Já a Alienação Pares é correlacionada positivamente com o fator Tempo e utilização das TIC. Estes resultados são demonstrados na tabela 22.

Tabela 22.

Apresentação dos resultados relativos aos fatores e às dimensões do Inventory of Parent and Peer Attachment pares

Fatores	Confiança Pares	Comunicação Pares	Alienação Pares
Vida <i>online</i>	-,306**	-,281**	,344**
Tempo e utilização das TIC	-,270**	-,224**	,237**

*p < 0,05

**p < 0,01

4. Discussão dos resultados

No presente tópico irá ser interpretado e discutido os resultados obtidos no presente estudo, confrontando-os com o quadro teórico de referência e retirando as suas implicações para o desenvolvimento da investigação.

Passando assim à discussão do objetivo número 1, de “Elaborar e estudar as qualidades psicométricas do Inventário de Uso de Tecnologias”, sendo o inventário elaborado com base na literatura existente, recolhendo informações e questões para o construir, tendo em conta as áreas para cumprimento dos objetivos propostos. Quanto às

qualidades psicométricas, mais propriamente quanto à consistência interna calculada através do alfa de Cronbach, o alfa inicial do inventário era de 0,69 valor considerado aceitável por Ribeiro (1999) mas, para conseguirmos valores superiores, foram removidos dois itens da escala total (item 17 “Utilizo o meu telemóvel e o meu computador para me ajudarem nos trabalhos da escola” e item 34 “As minhas redes sociais são de perfil privado”), sendo que o valor do alfa aumentou para 0,71.

Procedemos em seguida à análise fatorial, foram definidos quatro fatores, sendo eles: Fator I denominado de Vida online constituído por 14 itens, com um alfa de 0,85 considerado assim como muito bom; Fator II designado de Supervisão parental e relações interpessoais com um total de 10 itens, apresentando um alfa de 0,77 classificado como um valor respeitável; Fator III denominado de Tempo e utilização com 6 itens e um alfa de 0,64 classificado como aceitável; e Fator IV designado de Exposição à *internet* apresentando um total de 5 itens e um alfa de 0,42 que, apesar do valor indesejável, optamos por não eliminar o fator dado à importância dos itens nele constituente para o cumprimento dos objetivos propostos. Tendo em conta os valores da comunalidade, apesar da existência de alguns itens muito perto do valor desejável e 11 itens com valores de comunalidade inferiores ao desejável, foi decidido mantê-los pois apresentam valores de saturação todos superiores a 0,30 e porque são essenciais para a execução dos objetivos.

Face ao objetivo 2, de “Traduzir e estudar as qualidades psicométricas do IPPA – *The Inventory of Parent and Peer Attachment*” após a tradução do IPPA todos os itens foram sujeitos à sua análise fatorial tendo em conta as subescalas dos autores originais. Assim, a escala total da mãe composta pelas três subescalas (i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) é de 0,63 classificada como aceitável, a escala total do pai

(i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) de 0,73 classificada como respeitável e a escala total dos pares (i.e., Confiança, Comunicação e Alienação) de 0,82 classificada como uma boa consistência interna. Apesar dos valores serem um pouco mais baixos em comparação com a escala original, os obtidos no presente estudo são, no mínimo, classificados como aceitáveis, chegando a obter valores classificados como tendo uma boa consistência interna. As diferenças obtidas podem dever-se a diferenças culturais e contextuais.

Relativamente à análise fatorial da subescala da mãe, o Fator I (Comunicação) é misto pois apresenta itens das subescalas Confiança e Comunicação, algo que pode ser justificável pelo facto de serem subescalas que se relacionam entre si. O Fator II (Alienação) é também misto com um item da subescala Comunicação e um item da subescala Confiança algo que se poderá dever a alguma diferença cultural ou de tradução. Por último, o Fator III (Confiança) é também ele misto, apresentando um item da subescala Comunicação, algo que se poderá dever, mais uma vez, à interligação das duas subescalas.

Na análise fatorial da subescala do pai, o Fator I (Confiança) é misto, com itens das subescalas Confiança e Comunicação, pelo que se poderá justificar pelo facto de serem subescalas que se relacionam entre si. O Fator II (Comunicação) também é misto, apresentando um item da subescala Confiança mais uma vez podendo ser justificável pela similaridade e interligação das duas subescalas. Por último, o Fator III (Alienação) é também ele misto, com dois itens da subescala Comunicação e um da subescala Confiança, algo que poderá dever-se a alguma diferença cultural ou de tradução, para além de que, um dos itens em que tal acontece é o mesmo da escala da mãe.

Por último, a análise fatorial da subescala dos pares, o Fator I (Confiança) é misto, com dois itens da subescala Comunicação podendo ser mencionada a justificação

anterior. O Fator II (Comunicação) também é misto, com um item da subescala Confiança e o Fator III (Alienação) é também ele misto, com dois itens da subescala Comunicação e um item da subescala Confiança, podendo ser justificável por alguma diferença cultural ou de tradução.

Tendo em conta os valores da comunalidade, na análise fatorial da escala da mãe, existem quatro itens com valores muito perto de aceitáveis e quatro itens com valores inferiores aos aceitáveis, na escala do pai existem cinco itens com valores muito perto de aceitáveis e, por fim, na escala dos pares apenas um item apresenta um valor inferior ao desejável. Apesar disto, pretendeu-se manter toda a escala e subescalas originais e, uma vez que os valores de saturação são todos superiores a 0,30 e são itens essenciais para a execução dos objetivos, foram mantidos.

No que concerne ao objetivo número 3, de “Conhecer o uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC”, os resultados indicaram que o telemóvel é o dispositivo eletrónico mais utilizado por toda a amostra, seguidamente é o computador e, o menos utilizado é o *tablet*, resultados que também são evidenciados no estudo de Ponte (et al., 2019).

Face ao grupo etário, em horas de aulas quem utiliza mais horas é o grupo etário dos 13-15, algo que é evidenciado no estudo de Ponte (et al., 2019) onde indica que o uso das TIC aumenta consoante a idade e no estudo de Ponte (et al., 2017), em que o uso de equipamentos tecnológicos é maior em idades mais velhas. Em horas de fins de semana quem utiliza mais horas é o grupo etário dos 13-15, algo que é evidenciado no estudo de Ponte (et al., 2019) e Ponte (et al., 2017). Por último, em horas de férias, quem utiliza mais horas é o grupo etário dos 10-12, algo que se poderá justificar pelo facto de nas

férias apresentarem mais tempo livre e possivelmente poderão não ter permissão dos pais para saírem de casa sozinhos e, desta forma, ocupam mais o tempo nas tecnologias.

No que diz respeito ao sexo, a maioria os participantes do sexo feminino é quem mais usa as TIC (computador, telemóvel e *tablet*), esta diferença poderá dever-se ao facto de que no presente estudo, os participantes do sexo feminino serem superior aos participantes do sexo masculino.

Face ao nível socioeconómico em tempo de aulas o NSE médio é quem utiliza mais horas, bem como no período de férias, resultados que não foram demonstrados no estudo de Ponte (et al., 2017) em que o NSE baixo é quem utiliza mais equipamentos tecnológicos e o NSE médio é o segundo a apresentar mais equipamentos tecnológicos. Estes resultados poderão dever-se ao facto de, na presente amostra, o NSE médio é quem apresenta mais participantes. No período de fim de semana, o NSE baixo despende mais horas nas TIC, resultado corroborado pelo estudo de Ponte (et al., 2017).

Relativamente aos resultados obtidos no Inventário de Uso de Tecnologias, a maioria dos participantes de ambos os sexos e dos dois grupos etários, dizem ser verdade ter acesso livre à *internet* na escola, algo que é corroborado no estudo de Sozio (et al., 2015).

Ambos os sexos e grupos etários dizem ser verdade que o desempenho escolar é afetado pelo tempo *online*, algo que é corroborado no estudo de Ponte (et al., 2019).

Ambos os sexos e grupos etários, na sua maioria dizem não ser verdade, relativamente a preferir passar mais tempo *online* do que com amigos ou pais, tal como se verifica no estudo de Ponte (et al., 2019).

A maioria dos participantes de ambos os sexos e grupo etário dizem ser verdade relativamente à perda da noção do tempo aquando *online*, algo que também se verifica no estudo de Ponte (et al., 2019).

A generalidade dos resultados indicam ser verdade que existem alterações no sono decorrentes do tempo *online*. Apesar de não terem sido encontrados estudos relativos a esta variável, tal resultado poderá dever-se ao facto dos participantes apresentarem os seus próprios equipamentos tecnológicos de acesso às TIC e fazê-lo com maior facilidade durante vários períodos do dia, inclusive à noite, podendo levar à redução do número de horas de sono. Outro possível fator justificável poderá dever-se ao uso aditivo das TIC, gerando assim consequências a nível do sono.

A maioria das respostas dos participantes de ambos os sexos e grupo etário, dizem ser verdade que o quarto é o seu local preferido para estar *online*. Apesar de não terem sido encontrados estudos que mencionassem esta variável, tal resultado poderá dever-se ao facto de o quarto ser um local com mais privacidade e assim ser mais atrativo para as crianças e adolescentes em usá-lo.

A maioria dos participantes diz não ser verdade que a escola é o seu local favorito para estar *online*. Apesar de não terem sido encontrados estudos que mencionassem esta variável e, mesmo sendo o acesso da *internet* transversal a qualquer contexto inclusive a escola, poderemos considerar a casa como um sítio mais comum ao seu uso pois, na escola as crianças e os adolescentes estão em contacto com alguns dos seus amigos e o tempo é praticamente ocupado com aulas.

Relativamente a “ser viciado no telemóvel”, ambos os sexos e grupo etário dizem ser verdade, algo que se verifica também no estudo de Ponte (et al., 2019).

Ambos os sexos e grupo etário dizem ser verdade, que vão às redes sociais em antes de mais nada, algo que poderá ser justificável pelo facto do crescente número de

crianças e adolescentes a terem contas nas redes sociais, como é visível nos dados disponíveis do INE (2016).

A maioria dos participantes de ambos os sexos e grupo etário dizem não ser verdade relativamente à alteração da alimentação decorrente do tempo *online*. Apesar de não terem sido encontrados estudos que abordassem a presente variável, os resultados poderão dever-se ao facto da alimentação ser mais facilmente utilizada em conjunto com o uso das TIC, levando assim à não interferência das duas.

No que diz respeito à casa ser o sitio favorito para estar *online*, a maioria dos participantes dizem ser verdade, algo que se poderá justificar pela crescente presença e uso de meios tecnológicos nas casas, tal como nos indica os dados do INE (2018).

A grande maioria das respostas dos participantes consideram ser verdade que o próprio passa demasiado tempo *online*, resultado esse corroborado no estudo de Ponte (et al., 2019).

Por fim, a maioria dos participantes de ambos os sexos e grupo etário dizem ser verdade na medida em que avaliam os perigos e consequências antes de fazer algo *online*, algo que se traduz como positivo visto os estudos indicarem a crescente presença e contacto com conteúdos negativos, de risco e causadores de danos (Ponte et al., 2019).

No que diz respeito à análise do objetivo 4, de “Verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com a mãe e o pai”, os resultados indicam que quanto mais horas passadas nas TIC em período de férias menor será a dimensão Confiança mãe, Comunicação mãe e Comunicação pai. Estas duas dimensões para Armsden e Greenberg (1987), aquando as mais significativas, poderão relacionar-se com o estilo de vinculação seguro. No presente estudo, os resultados indicam que estas duas dimensões diminuem consoante o aumento de tempo de uso das

TIC. Já a dimensão Alienação mãe e Alienação pai, aumentam consoante o aumento do uso das TIC algo que, para os mesmos autores, é uma dimensão que, se for pontuada de forma mais significativa que as duas outras (i.e., maior alienação e menores confiança e comunicação), poderá demonstrar um estilo de vinculação inseguro.

Apesar de não terem sido encontrados estudos que fizessem alusão aos diferentes períodos de utilização das TIC utilizados no presente trabalho (i.e., períodos de aulas, fins de semana e férias), há estudos que indicam que quanto mais tempo as crianças e os adolescentes usam as TIC, mais pobre será a vinculação aos pais (Richards, et al., 2010), ou seja, menores serão as dimensões Confiança e Comunicação e maior será a dimensão Alienação. Paralelamente, as crianças e os adolescentes que apresentam uma relação com os pais baseada na existência de conflitos (e não assegurando a existência de aspetos saudáveis na relação), poderá ser considerado um fator os mesmos desenvolverem e apresentarem sinais de dependência do uso das TIC (Yen, Yen, Chen, e Chen (2007). Com isto, uma relação assente em conflitos entre pais e filhos, será considerado um fator de risco para o aumento do uso excessivo dos meios digitais.

No que concerne ao facto de existirem correlações significativas sempre no período de férias e as dimensões do IPPA, isto poderá dever-se ao facto deste período ser onde as crianças e os adolescentes dependem mais horas nas TIC e também ser o período em que os sujeitos poderão passar mais tempo com os pais devido a estarem em pausa letiva e passarem mais tempo em casa. Assim, será o período em que existirá maior contacto com os pais e, juntando o número elevado de horas de utilização das TIC, poderão ser hipóteses a considerar para justificar este resultado.

No que diz respeito ao objetivo 5, de “Verificar a relação entre o número de horas nas TIC em tempo de aulas, fins de semana e férias, e a relação com os pares” mais uma

vez as subescalas do IPPA foram utilizadas para a resolução do presente objetivo. Os resultados indicam que quanto mais horas passadas nas TIC em período de aulas e férias, maior será a Alienação pares. Ainda que não fossem encontrados estudos que mencionem os períodos de tempo usados na presente investigação, existem estudos que quanto mais tempo é despendido nas TIC, menor será a vinculação aos pares (Richards, et al., 2010). Como referido por Reiner et al. (2017) o investimento e a melhoria das relações físicas e presenciais com os pares, poderão ser uma boa maneira de reduzir os riscos online que os jovens estão sujeitos, demonstrando assim a extrema importância de uma rede de contacto com os pares.

O facto das correlações estatisticamente significativas serem entre as dimensões do IPPA e os períodos de aulas e férias, poderá justificar-se pelo facto de as aulas serem o período onde existe mais convívio com os pares e, se esse tempo com os mesmos for ocupado pelas TIC, a relação entre ambos não se irá desenvolver ou aumentar. Nas férias, com a pausa letiva e a juntar ao uso das TIC, estes poderão ser fatores que justifiquem esse decréscimo das relações com os pares, face ao menos tempo passado presencialmente.

No que concerne à análise do objetivo 6, de “Verificar se existem diferenças quando se consideram as horas de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), quanto ao grupo etário, ao sexo e ao NSE em tempo de aulas, fins de semana e férias”, foi possível encontrar diferenças significativas entre o número de horas de utilização das TIC em tempo de aulas e aos fins de semana, em função do grupo etário dos 13 aos 15 anos. Apesar de não terem sido encontrados estudos que mencionassem os mesmos períodos de tempo do presente estudo, no estudo de Ponte (et al., 2019) e Ponte (et al., 2017) os resultados também indicam que participantes mais velhos utilizam mais as tecnologias.

Há diferenças significativas entre o número de horas de utilização das TIC aos fins de semana e nas férias quando consideramos o sexo, a favor do sexo masculino. Este resultado é corroborado pelo estudo de Ponte (et al., 2019), em que também o sexo masculino apresenta mais horas de utilização dos meios digitais, apesar de no referido estudo as diferenças não serem significativas.

Encontrámos diferenças significativas entre o número de horas de utilização das TIC em tempo fim de semana, a favor do nível socioeconómico baixo. O presente resultado também é encontrado no estudo de Ponte (et al., 2017) em que são os alunos de NSE baixo a utilizar mais as tecnologias.

Relativamente ao objetivo 7, de “Verificar se existe relação entre a ligação com a mãe e o pai, considerando a *Vida online*, Exposição à *internet*, Tempo e utilização e Supervisão parental e relações interpessoais”, foram analisados as 3 dimensões do IPPA (Confiança, Comunicação e Alienação) e as 4 subescalas do Inventário de Uso de Tecnologias (*Vida online*, Exposição à *internet*, Tempo e utilização e Supervisão parental e relações interpessoais).

Quando considerado a subescala *Vida online*, os resultados indicam que quanto maior a *Vida online*, menor a Confiança e Comunicação mãe e pai e maior Alienação mãe e pai, algo que se poderá justificar pelo facto da subescala estar relacionado com ações realizadas e consequências negativas de estar *online*, e à medida que essas aumentam a relação com a mãe e pai, baseada nestas duas dimensões positivas (i.e, Confiança e Comunicação) diminuem.

Quanto maiores os valores obtidos na subescala Supervisão parental e relações interpessoais, maior a Confiança mãe, Comunicação mãe e pai e menor a Alienação mãe, algo que se poderá dever ao facto desta subescala estar relacionada com ações de

supervisão, suporte e envolvimento parental, medidas que fomentam as dimensões positivas do IPPA. Quando consideramos a subescala Tempo e utilização, quanto mais Tempo e utilização menor a Confiança e Comunicação mãe e pai e maior Alienação mãe e pai, algo que poderá ser justificável pelo facto de estar relacionado com o tempo e o uso realizado nas TIC, algo mais uma vez mencionado pela literatura como fatores prejudiciais às relações com a mãe e pai.

Por último, quanto maiores os valores referentes à subescala Exposição à *internet*, maior a Alienação mãe, o que poderá estar relacionado, como referimos anteriormente, com o muito tempo que ocupam na utilização das TIC, ficando assim com pouco tempo para o contato com a mãe, o que pode resultar no decréscimo da relação com a mesma.

Face ao objetivo 8, de “Verificar se existe relação entre a ligação com os pares, considerando a Vida *online*, Exposição à *internet*, Tempo e utilização e Supervisão parental e relações interpessoais”, os resultados demonstram que quanto maior a subescala Vida *online*, menor a Confiança e Comunicação pares e maior Alienação pares. Tal se pode justificar da mesma forma como na relação com os pais, isto é, maior envolvimento nas atividades *online*, maior afastamento dos pares e decréscimo da qualidade da relação.

No que diz respeito à subescala Tempo e utilização, quanto maior, menor a Confiança e Comunicação pares e maior Alienação pares. Resultado que se poderá entender como no caso dos pais, ou seja, mais tempo e uso das TIC menor qualidade das relações com os pares, aumentando assim a alienação.

Síntese

Neste capítulo, foi possível descrever o enquadramento metodológico, abrangendo a sua pertinência, a metodologia, os objetivos da investigação, o método (a seleção da amostra e os instrumentos utilizados), a descrição do procedimento e, por último, a apresentação e a discussão dos resultados.

O estudo empírico desenrolou-se em volta da pergunta da partida “O uso que as crianças e adolescentes fazem das TIC alteram as suas relações com os pais e os pares?”, tendo sido respondidos aos objetivos subsequentes à pergunta de partida. Os objetivos propostos foram atingidos na medida em que, com a sua execução, foi possível encontrar os seguintes resultados: construir e estudar as qualidades psicométricas do Inventário de Uso de Tecnologias; traduzir e estudar as qualidades psicométricas do The Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA); perceber que todos os participantes do estudo utilizam meios tecnológicos e o aumento desse uso cresce consoante a idade; demonstrar que quantas mais horas de utilização das TIC menor as dimensões Confiança mãe, Comunicação mãe e pai e maior a dimensão Alienação mãe, pai e pares, todos estes em período de férias, à exceção dos pares em que os resultados indicam os períodos de férias e aulas. Por último, tendo em conta as subescalas do IUT e as dimensões do IPPA, os resultados indicam que quanto maior a Vida *online*, menor a Confiança e Comunicação mãe, pai e pares e maior Alienação mãe, pai e pares; quanto maior a Supervisão parental e relações interpessoais, maior a Confiança mãe, Comunicação mãe e pai e menor a Alienação mãe; mais Tempo e utilização, menor a Confiança e Comunicação mãe, pai e pares e maior Alienação mãe e pai; e maior Exposição à *internet*, maior a Alienação mãe.

Conclusão

O presente estudo pretende constituir-se como um contributo ao nível da investigação no domínio do uso das novas tecnologias, ou seja, as Tecnologias de Informação e Comunicação e a sua interferência com as relações interpessoais, isto é, os pais e os pares.

A estrutura do presente trabalho científico dividiu-se em três capítulos, sendo eles: o capítulo 1, fazendo uma abordagem e caracterização das Tecnologias de Informação e Comunicação; o capítulo 2, denominado por As relações entre pais e pares, em que foi feita alusão à área da vinculação, nomeadamente as relações entre as crianças e os adolescentes e a vinculação com os pais e os pares; e o capítulo 3 do estudo empírico, onde se desenvolveu os conteúdos práticos da investigação.

Pelo processo de revisão da literatura, foi possível constatar a importância das TIC e forma como as mesmas alteram a vida quotidiana de todos os sujeitos.

As TIC são essenciais ferramentas de informação e comunicação, albergando com isso grandes consequências positivas (e.g., facilidade de comunicação). Estudos evidenciam o crescente aumento do número de horas despendidas nas TIC e o contínuo aumento do uso de equipamentos tecnológicos, especialmente pelos mais novos. Face a este paradigma, é referido pela literatura a crescente necessidade de atender aos perigos e consequências negativas do seu uso excessivo e não supervisionado, sendo cada vez mais necessário os pais, cuidadores, professores e outros familiares envolverem-se neste processo.

Paralelamente a literatura demonstra a importância da existência de uma relação segura com os pais/cuidadores e, posteriormente, com os pares. Esta relação segura, caracterizada pelo atender das necessidades de segurança e prestação de cuidados,

proporcionar a autonomia necessária e adequada para explorar o mundo e, com isso, o próprio retirar aprendizagem, são fatores essenciais para promover o bom funcionamento global das crianças e dos adolescentes.

Tendo em conta o uso das TIC e as relações com os pais, estudos comprovam a existência de relações entre o seu uso excessivo e o decréscimo das relações com os mesmos, sendo possível a relação vinculativa ver-se diminuída.

Já com os pares, também os estudos encontram relações entre uma boa relação vinculativa e a redução dos riscos consequentes da *internet*, bem como o seu uso excessivo estar relacionado ao decréscimo das relações com os outros. Posto isto, é essencial investir e manter uma boa e segura relação com os pais e com os pares para facilitar a partilha de informação, supervisão, compreensão e, quando necessário, ajuda.

Como anteriormente mencionado, a literatura demonstra que atitudes de supervisão e o estabelecimento de regras relativas ao uso das tecnologias, poderá relacionar-se com uma menor exposição dos jovens a consequências negativas. Paralelamente, o investimento na relação com os outros, nomeadamente pela criação e participação em atividades conjuntas poderão ser pontos-chaves a desenvolver.

Passando agora aos resultados obtidos pela presente investigação, foi possível traduzir e estudar as qualidades psicométricas do questionário Inventory of Parent and Peer Attachment, mantendo toda a escala e subescalas originais (Confiança, Comunicação e Alienação), sendo as qualidades psicométricas um pouco inferiores às originais mas, mesmo assim, classificadas como boas qualidades psicométricas.

Paralelamente foi possível a construção e estudo das qualidades psicométricas do Inventário de Uso de Tecnologias, constituído por 35 itens com um alfa de 0,71 e 4

subescalas (*Vida online*, Supervisão parental e relações interpessoais, Tempo e utilização e Exposição à *internet*), todas elas com boas qualidades psicométricas à exceção da subescala Exposição à *internet* mas, para cumprimento dos objetivos, foi decidido ser mantida.

Foi também possível perceber que todos os participantes da amostra utilizam as tecnologias, sendo o telemóvel o mais utilizado, seguido do computador e por fim o *tablet* e o uso das mesmas aumenta consoante a idade.

Um outro resultado encontrado diz respeito ao facto de, quantas mais horas despendidas nas TIC em período de férias, menor a Confiança mãe, menor a Comunicação mãe e pai e maior Alienação mãe e pai. Quanto aos pares, os resultados sugerem que quanto mais horas nas TIC em período de aulas e férias, maior a Alienação pares.

Relativamente às diferenças, existem diferenças significativas entre as horas de utilização das TIC em períodos de aulas e fins de semana, em função do grupo etário 13-15, face ao sexo existem também diferenças significativas entre as horas e as TIC em períodos de fins de semana e férias em função do sexo masculino e, por último, face ao NSE as diferenças significativas são em função ao NSE baixo em período de fins de semana.

No que concerne ao resultado face à relação com a mãe, o pai e os pares tendo em conta as subescalas do Inventário de Uso de Tecnologias e as dimensões do IPPA os resultados demonstram que quanto maior a *Vida online* menor a Confiança mãe e pai; menor a Comunicação mãe e pai; maior a Alienação mãe e pai. Face à subescala Tempo e utilização, quanto maior a subescala menor a Confiança mãe e pai; menor a Comunicação mãe e pai; maior a Alienação mãe e pai. Tendo em conta a subescala Exposição à *internet* quanto maior a subescala maior a Alienação mãe. Por último, quanto

maior a Supervisão pais e relações interpessoais maior a Confiança mãe; maior Comunicação mãe e pai e menor Alienação mãe. Finalmente, em relação aos pares, os resultados mostram que quanto maior a Vida *online* menor a Confiança pares; menor a Comunicação pares; maior a Alienação pares. Tendo em conta a subescala Tempo e utilização, quanto maior a subescala menor a Confiança pares; menor a Comunicação pares; maior a Alienação pares.

Em relação às implicações práticas que o estudo desenvolvido poderá ter, podemos referir a atual importância das tecnologias e o uso que os mais jovens fazem das mesmas, nomeadamente do impacto que este uso exerce nas relações interpessoais. É importante atender ao uso excessivo que, por vezes poderá ocorrer, e lembrar a necessidade e a importância do contato e interação social com os pais e com os pares como algo imprescindível ao desenvolvimento global das crianças e jovens e da sua não substituição pelas ferramentas digitais.

Mencionando agora algumas limitações do presente trabalho teórico-prático é de salientar a dificuldade na obtenção dos consentimentos informados assinados, sendo que este facto originou atraso na recolha de dados; uma outra limitação diz respeito ao intervalo de idades ser reduzido, sendo que o aumento do mesmo poderia ser uma vantagem para expandir a aquisição de conhecimento noutras idades. Uma outra limitação da presente investigação diz respeito à ausência da variável nível de escolaridade, algo que poderia ser interessante para cruzar com os objetivos e obter assim mais informação de resultados.

Neste sentido, seria relevante, em investigações futuras, ampliar a dimensão da idade da amostra; e poderia também ser pertinente adicionar outra variável como um questionário de rastreio de problemas comportamentais (e.g., Escalas de Achenbach;

Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ)) com intuito de relacionar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação e esses questionários.

Referências

- Adams, T., Schütz, V., Staub, G., & Menezes, J. (2013). Tecnologias digitais e educação: para qual desenvolvimento? *Educação Unisinos*, 17, 57-65.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Lisboa: Quarteto.
- Allen, J., & Tan, J. (2016). The multiple facets of attachment in adolescence. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment- theory, research, and clinical applications* (3ª ed., pp. 399-415). New York: The Guilford Press.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Armsden, G. (1986). *Attachment to parents and peers in late adolescence: Relationships to affective status, self-esteem and coping with loss, threat and challenge* (Dissertação de Doutorado). Universidade de Washington, Seattle, Washington, Estados Unidos da América.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Beard, K., & Wolf, E. (2001). Modification in the proposed diagnostic criteria for internet addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 4, 377-383. doi: 10.1089/109493101300210286
- Berlim, L., Cassidy, J., & Appleyard, K. (2008). The influence of early attachments on other relationships. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment- theory, research, and clinical applications* (2ª ed., pp. 333-347. New York: The Guilford Press.
- Blais, J., Craig, W., Pepler, D. & Connolly, J. (2008). Adolescents online: the importance of internet activity choices to salient relationships. *J Youth Adolescence*, 37, 522-536. doi: 10.1007/s10964-007-9262-7
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss, Vol. 1: Attachment. Attachment and Loss*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Chen, S., & Lin, S. (2015). A latent growth curve analysis of initial depression level and changing rate as predictors of problematic Internet use among college students. *Computers in Human Behavior*, 54, 380-387. doi: 10.1016/j.chb.2015.08.018
- Cho, C-H., & Cheon, H. (2010). Children´s exposure to negative internet content: effects of family context. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 49, 488-509. doi:10.1207/s15506878jobem4904_8
- Costello, A. B. & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10, 1-9.

- Dykas, M., Ziv, Y., & Cassidy, J. (2008). Attachment and peer relations in adolescence. *Attachment & Human Development, 10*, 123-141. doi: 10.1080/14616730802113679
- Fox, N., & Hane, A. (2008). Studying the Biology of Human Attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2^a ed., pp. 217-240). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Gorrese, A., & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: a meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth and Adolescence, 41*, 650-672. doi: 10.1007/s10964-012-9759-6
- Gullone, E., & Robinson, K. (2005). The Inventory of Parent and Peer Attachment--Revised (IPPA-R) for Children: A psychometric investigation. *Clinical Psychology & Psychotherapy, 12*, 67-79. doi: 10.1002/cpp.433
- Haddon, L. & Vincent, J. (2014). *European children and their carer's understanding of use, risks and safety issues relating to convergent mobile media*. Retirado de: https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwi7iqLlj_HXAhWKthQKHfgjA3wQFggqMAA&url=http%3A%2F%2Fnetchildrengomobile.eu%2Fncgm%2Fwp-content%2Fuploads%2F2013%2F07%2FNCGM_QualitativeReport_D4.pdf&usg=AOvVaw3gFfrmykLJtJ5mwNhPPpIA
- Hakvoort, E. M., Bos, H. M. W., Balen, F. V., & Hermanns, J. M. A. (2010). Family relationships and the psychosocial adjustment of school-aged children in intact families. *The Journal of Genetic Psychology, 171*, 182-201. doi: 10.1080/00221321003657445
- Hartup, W. (1989). Social relationships and their developmental significance. *American Psychologist, 44*, 120-126. doi: 10.1037/0003-066X.44.2.120
- Hill, M. M. & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Sílabo.
- Instituto Nacional de Estatística (2016). *Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias*. Retirado de: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=250254698&DESTAQUESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística (2018). *Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias*. Retirado de: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=316115377&DESTAQUESmodo=2
- Isik, B., & Alkaya, S. (2017). Internet use and psychosocial health of school aged children. *Psychiatry Research, 255*, 204-208. doi: 10.1016/j.psychres.2017.05.043
- Kerns, K. (2008). Attachment in middle childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2^a ed., pp. 366-382). New York: The Guilford Press.
- Kerns, K., & Brumariu, L. (2016). Attachment in middle childhood. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment- Theory, Research, and clinical applications* (3^a ed., pp. 349-365). New York: The Guilford Press.

- Kobak, R., Zajac, K., Madsen, S. (2016). Attachment disruptions, reparative processes, and psychopathology- theoretical and clinical implications. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment- theory, research, and clinical applications* (3ª ed., pp. 25-39). New York: The Guilford Press
- Livingstone, S. e Helsper, E. (2008) Parental mediation and children's Internet use. *Journal of broadcasting & electronic media*, 52, 581-599. doi: 10.1016/j.psychres.2017.05.043
- Machado, T., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6, 97-115
- Malby, S., Jesrani, T., Bañuelos, T., Holterhof, A., & Hahn, M. (2015). *Study on the effects of new information technologies on the abuse and exploitation of children*. Retirado de: https://www.unodc.org/documents/Cybercrime/Study_on_the_Effects.pdf
- Marôco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo
- Marvin, R., & Britner, P. (2008). Normative development- the ontogeny of attachment. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.), *Handbook of attachment- theory, research, and clinical applications* (2ª ed., pp. 269-294). New York: The Guilford Press.
- Media Awareness Network. (2003). *Canada's children in a wired world: The parents' view*. Retirado de: <http://mediasmarts.ca/sites/mediasmarts/files/pdfs/publication-report/full/YCWWI-parents-view.pdf>
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationships and problematic internet use in adolescence. *CyberPsychology & Behavior*, 12, 681-684. doi: 10.1089=cpb.2009.0071
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). *Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. Retirado de: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/eukidsonline/wp-content/uploads/sites/36/2019/03/RELATÓRIO-FINAL-EU-KIDS-ONLINE.docx.pdf>
- Ponte, C., Simões, J., Batista, S., & Jorge, A. (2017). *Crescendo entre ecrãs: usos de meios eletrónicos por crianças (3-8 anos)*. Retirado de: <http://www.erc.pt/documentos/Crescendoentrecras/mobile/index.html#p=12>
- Reiner, I., Tibubos, A., Hardt, J., Muller, K., & Wolfling, K. (2017). Peer attachment, specific patterns of internet use and problematic internet use in male and female adolescents. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 26, 1257-1268. doi: 10.1007/s00787-017-0984-0
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Richards, R., McGee, R., Williams, S., Welch, D., & Hancox, R. (2010). Adolescent screen time and attachment to parents and peers. *Archives of Pediatrics Adolescent Medicine*, 164, 258-262. doi: 10.1001/archpediatrics.2009.280
- Schaffer, H. (2004). *Introdução à psicologia da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Scharfe, E., & Eldredge, D. (2001). Associations between attachment representations and health behaviors in late adolescence. *Journal of Health Psychology, 6*, 295-307. doi: 10.1177/135910530100600303
- Soares, I. (2007). *Relações de Vinculação ao longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilibrios.
- Sozio, M., Ponte, C., Sampaio, I., Senne, F., Ólafsson, K., Alves, S., & Garroux, C. (2015). *Children and internet use: a comparative analysis of Brazil and seven European countries*. Retirado de: <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjMlfqgifHXAhUDuhoKHQ7vCcYQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fnetchildrengomobile.eu%2Fncgm%2Fwp-content%2Fuploads%2F2013%2F07%2FFullReportBrazilNCGM.pdf&usg=AOvVaw1JkX6Y3DGH7DYU86qD6IK>
- Srofe, L., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. (2008). Estabelecimento das primeiras experiências de apego em um contexto do desenvolvimento- Minnesota longitudinal study. In Grossmann, K., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds), *Apego da infância à idade adulta- os primeiros estudos longitudinais* (pp. 47-68). São Paulo: Roca.
- Tabachnick, B.G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5ª ed.) Boston: Pearson International Education.
- Wang, H., Zhou, X., Lu, C., Wu, J., Deng, X., Hong, L. (2011). Problematic internet use in high school students in Guandong Province, China. *PLoS ONE, 6*. doi:10.1371/journal.pone.0019660
- Wasinski, A., & Tomczyk, L. (2015). Factors reducing the risk of internet addiction in young people in their home environment. *Children and Youth Services Review, 57*, 68-74. doi: 10.1016/j.childyouth.2015.07.022
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2ª ed., pp. 78-101). New York, NY, US: The Guilford Press.
- Yen, J-Y., Yen, C-F., Chen, C-C., & Chen, S-H. (2007). Family factors of internet addiction and substance use experience in Taiwanese adolescents. *CyberPsychology & Behavior, 10*, 323-329. doi: 10.1089/cpb.2006.9948

Anexos

Anexo 1: Questionário Sociodemográfico

Anexo 2: Inventário de Uso de Tecnologias

Anexo 3: Inventário de Vinculação aos Pais e Pares

Anexo 4: Pedido Autor IPPA e Autorização

Request to translate the The Inventory of Parent and Peer Attachment- IPPA



Caixa de entrada x



Jessica Maria Monteiro Carvalho <31270@ufp.edu.pt>

para mxg47 ▾

quarta, 5/12/2018, 22:43



Dear Dr. Mark Greenberg,

My name is Jessica Carvalho and I am currently in the last year of the Clinical and Health Psychology course in Fernando Pessoa University (Porto, Portugal), developing my master's thesis.

My main goal is to relate the use of the technologies by children and adolescents with the interpersonal relationships between parents and friends.

During my research, I found the IPPA instrument, very interesting and complete, and I would like to ask for your permission to translate the instrument into Portuguese language.

Best regards,
Jessica Carvalho



Greenberg, Mark T através de pennstateoffice365.onmicrosoft.com

para eu ▾

quinta, 6/12, 01:13 ★ ↶ ⋮

🌐 inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem

Desativar para mensagens em: inglês ×

Hi Jessica

Thanks for this email. This reply gives you permission to translate the IPPA and to use it in your research. I would appreciate if you would share a copy of the translation, when completed.

regards

Mark

Mark T. Greenberg

Bennett Chair of Prevention Research

Founding Director, Edna Bennett Pierce Prevention Research Center

Penn State Univ.

www.prevention.psu.edu

Chairperson of the Board, CREATE

www.createforeducation.org

Anexo 5: Parecer da Comissão de Ética



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*Deu embocadura à aluna
e doutor(a).*

[Handwritten signature]
15.05.2019

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Pedro Reis
Diretor da FCHS

Porto, 13 de Maio de 2019

Exmo. Senhor Prof. Doutor,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de investigação de Jéssica Maria Monteiro Carvalho, intitulado "Relações entre pares e pais e o uso de tecnologias em crianças e adolescentes", realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, considera que as questões levantadas no parecer anterior foram devidamente esclarecidas.

A Comissão de Ética nada tem a opor à realização do estudo, emitindo portanto um parecer positivo.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

[Handwritten signature]
Susana Teixeira Magalhães



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

www.ufp.pt

REITORIA - (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais) - (Faculdade de Ciências e Tecnologia) Praça 9 de Abril, 343 - 4200-004 Porto-Portugal - T +351 22 507 1000 - F +351 22 508 6265 - geral@ufp.pt
(Faculdade de Ciências da Saúde) - (Escola Superior de Saúde) R. Carlos Sa Mota, 296 - 4200-130 Porto-Portugal - T +351 22 507 4830 - F +351 22 507 4837 - R. Delfino Mota, 304 - 4200-153 Porto-Portugal
T +351 22 509 6111 - geral@esad.ufp.pt 4200-030 de Ponte de Lima - Casa da Garcia - R. Cande de Bertandos - 4990-978 Ponte de Lima-Portugal - T +351 238 791 020 - F +351 238 791 412 - geral.gama@ufp.pt

Anexo 6: Autorização do Diretor da Escola



Autorização

Jéssica Maria Monteiro Carvalho, aluna do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Fernando Pessoa, a estagiar neste Agrupamento (Serviço de Psicologia e Orientação), está por mim autorizada a aplicar nas escolas deste mesmo Agrupamento, um questionário sociodemográfico, um questionário sobre o uso das tecnologias e o Inventário de Vinculação os Pais e Pares, da versão inglesa IPPA- Inventory of Parents and Peer Attachment.

Águas Santas, 14 de janeiro de 2019.

O Diretor

Manuel Carneiro Ferreira

Anexo 7: Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

.....
"Relações entre pares e pais e o uso de tecnologias em crianças e adolescentes"
.....

Eu, abaixo-assinado (nome completo)

....., **responsável pelo participante no projecto (nome completo)**

....., compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto:

O Investigador responsável:

Nome: | Jessica Carvalho

Assinatura: | 

Anexo 8: Explicação do Projeto



Explicação do projeto

Eu, Jessica Carvalho, aluna do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Fernando Pessoa, estou neste momento a estagiar no Agrupamento de Escolas de Santa Clara, no serviço de SPO-Serviço de Psicologia e Orientação.

No presente, encontro-me a desenvolver um projeto para a minha Dissertação de Mestrado e gostaria da sua colaboração pela autorização da participação do seu educando, através do preenchimento do documento Consentimento Informado, em anexo.

O meu estudo designa-se por “Relações entre pares e pais e o uso de tecnologias em crianças e adolescentes”.

O grande objetivo para o presente estudo é perceber se o uso que as crianças e adolescentes fazem das tecnologias interfere nas relações interpessoais e em que medida isso acontece.

A forma de recolha de dados é através da aplicação de dois questionários: Inventário de vinculação aos pais e pares (Armsden & Greenberg, 1987) com adaptação portuguesa por Carvalho e Costa (2018), e o Inventário de uso de equipamentos tecnológicos (Carvalho & Costa, 2018).

Em momento algum os dados dos participantes serão expostos, sendo que o anonimato e confidencialidade estão completamente assegurados.


Todos os questionários serão entregues e recolhidos de forma aleatória e, todos os dados dos mesmos, terão como fim o uso científico de investigação.

Para qualquer assunto o meu e-mail é o seguinte: jessica.carvalho.18@aescas.net

Obrigada pela sua colaboração.

Tomei conhecimento,

Assinatura dos pais/encarregado de educação _____

Assinatura do investigador responsável  _____